Andréia Guerini · Karine Simoni · Walter Carlos Costa (orgs.)

palavra de escritor · tradutor

Marco Lucchesi



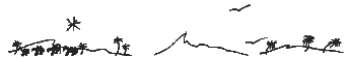
Escritório do Livro

ANDRÉIA GUERINI · KARINE SIMONI · WALTER CARLOS COSTA (ORGS.)

palavra de escritor · tradutor

MARCO LUCCHESI

Entrevista a
Andréia Guerini e Karine Simoni



ESCRITÓRIO DO LIVRO

© Andréia Guerini, Karine Simoni, Marco Lucchesi e Walter Carlos Costa, 2017.



Projeto gráfico e editoração
Escritório do Livro

Imagem de capa
Marco Lucchesi e os olhos do deserto (detalhe).
Ana Miranda, 2013.

Seleção iconográfica
Andréia Guerini e Karine Simoni,
a partir do acervo pessoal de Marco Lucchesi.

Preparação
Dorothée de Bruchard

Revisão
Ana Gonzaga

Escritório do Livro
Dorothée de Bruchard, editora
www.escritoriodolivro.com.br



SUMÁRIO

Marco Lucchesi, memória fulgurante 7

Memórias 23
Tradução 67
Militância 103

Biografia resumida 123
Bibliografia 129

Iconografia 157

Marco Lucchesi, memória fulgurante



Walter Carlos Costa

A HISTÓRIA CULTURAL É RICA em paradoxos. Temos carreiras precoces, intensas e breves, como a de Arthur Rimbaud, e temos gente que floresce tarde, como o romancista histórico Theodor Fontane e o filósofo Immanuel Kant. Marco Lucchesi pertence a um gênero intermediário, o dos que brotam cedo e continuam vicejando vida afora.

Três traços me parecem definir o Marco Lucchesi intelectual: paixão por tudo o que é artístico e literário, ilimitada curiosidade por línguas de todos os tempos e lugares, e interesse por uma miríade de disciplinas.

Como mediador cultural, Marco atua em diferentes lugares e funções: direção de revistas, curadoria de exposições, organização de volumes, docência e pesquisa e extensão, seja na Fundação Biblioteca Nacional, na universidade, na Academia Brasileira de Letras, nas editoras, nas prisões. Nesse amplo leque de atividades está a tradução, um dos primeiros setores em que afirmou sua individualidade. Este livro mostra um pouco da visão interna por trás de uma vida-obra plena, que conjuga uma carreira de escritor, tradutor de poesia e prosa, professor universitário, pesquisador do CNPq e integrante da Academia Brasileira de Letras.

Já nos primeiros parágrafos se desenha a *persona* única do entrevistado: intelectual autoconsciente de suas próprias virtudes e limites, elencando seus autores de encontro e embate: Walter Benjamin, Giovanni Papini, Edward Said, tríade multinacional que aponta para alguns de seus interesses e alicerces. Seguem-se outras fontes de escolha heterodoxa, como cabe a um excêntrico ítalo-brasileiro

aberto a múltiplos mestres de diferentes países e disciplinas: Karl Popper, Harald Weinrich, Cioran.

O duplo apelo a fontes escritas e à experiência direta vai se suceder ao longo de todo o texto, e essa alternância é um dos encantos do livro. Vida e obra se complementam e se nutrem mutuamente, explicando um pouco a produtividade avassaladora do entrevistado, que "descansa" construindo coisas paralelas.

A evocação das origens italianas é rica em detalhes histórico-familiares, e quase mítica, como a narrativa genealógica de Jorge Luis Borges. Mas, em vez de próceres da pátria, como no caso do argentino, temos doces lembranças da Toscana (que Otto Maria Carpeaux dizia ser a região mais civilizada do mundo) e doces lembranças da terra adotada, primeiro Copacabana, e, dez anos mais tarde, Niterói. A iniciação à alta cultura italiana se dá via oral, com a avó materna narrando o *Orlando furioso* e o pai recitando a *Commedia*; assim, nessa educação, narrativa e poesia vão juntas e vivas,

algo que se refletirá na obra adulta do menino, produtor solitário mas aberto ao convívio com os pares. A mãe, de seu lado, inicia o filho "sem irmãos" na música, tanto na erudita europeia como na popular brasileira, com Puccini e Debussy ao lado de Cartola e Paulinho da Viola. Central também é a condição bilíngue, italiano em casa, português brasileiro lá fora. Como em toda sua experiência de vida relatada no livro, a condição de bilíngue foi meditada por Lucchesi, com o apoio de autores como Ferenczi, Winnicott e Bowlby.

O que o entrevistado considera como sua *revolução copernicana* ocorreu aos dez anos, quando visitou com seus pais os parentes italianos. Foi a ocasião para um mergulho na língua italiana e, sobretudo, para uma inserção guiada na história da família, na história do país, na história da arte e na história *tout court*, desde a Roma antiga até os dias de hoje, passando pela Idade Média, Renascimento e Segunda Guerra Mundial.

A evocação dos anos de ensino médio introduz uma nova nota. É a oportunidade para se mostrar grato e exercer a memorialística em

sua melhor face: o resgate de educadores, conhecidos apenas de quem teve o privilégio do contato direto. Desse período surgem, como personagens de romance, o Padre Marcelo Martiniano e o professor José Inaldo, através de quem Lucchesi descobriria uma de suas grandes amizades literárias, Antônio Carlos Villaça, e, através dele, Carlos Drummond de Andrade e a filha Maria Julieta.

Se a infância e o ensino médio são recordados com carinho, os primeiros anos do curso de História na UFF são revisitados com certo distanciamento. Frente a professores pouco afeitos aos arquivos e à erudição, o pós-adolescente que "estudava com absoluta fome", logo se volta para a filosofia, que vinha lendo desde os dezesseis anos, e à teologia. Cita o discurso de formatura, onde apresenta uma pequena lista de historiadores que representam, para ele, o melhor da história: Le Goff e Duby, Huizinga e Fustel de Coulanges. Ainda assim, no final, ao se decidir por uma pós-graduação no Rio, na UFRJ e em Letras, fala com gratidão de sua licenciatura.

Um lugar especial é ocupado pelo encontro com a psiquiatra Nise da Silveira. O profundo entendimento imediato entre "um velho de 23 anos e uma jovem de 84", que levaria a uma reflexão "sobre os obscuros caminhos interiores", iria se refletir na variada obra anos depois.

Ficamos sabendo que, no centro de tudo, está uma biblioteca pessoal desmesurada: "em torno de cem mil" livros, divididos entre "a casa de Itacoatiara e o apartamento", que Marco Lucchesi percorre sob o duplo signo contemporâneo de Italo Calvino e Umberto Eco, mas guiado pelos princípios da *Commedia*, "que articula alta poesia e amplo saber".

Ficamos conhecendo alguns detalhes de décadas de voraz leitura: clássicos infantis da França, Itália e Brasil, junto com a paixão pelo teatro, onde se sobressaem italianos e franceses, assim como diretores brasileiros, com quem trabalhou; Machado, Clarice e Guimarães Rosa — uma apertada síntese, que inclui ainda Dostoiévski.

Ao circunscrever sua genealogia de escritor, Lucchesi responde obliquamente, resumindo seu método: "muito variado, mercurial, aberto, poroso, mas num determinado momento disciplinado, com uma dialética precisa", um método que inclui cortes flaubertianos e retomadas "com insônia e enfrentamento amoroso". Isso diz muito sobre sua capacidade de trabalho intelectual, demonstrada na exuberância da obra.

Já a questão dos gêneros literários é respondida de maneira taxativa: é a poesia que preside tudo. Inspirando-se em Barthes, considera a literatura como concentração de saberes. Fica claro seu detido conhecimento de teoria e crítica literárias quando, lembrando uma afirmação controversa de Erich Auerbach, salta bruscamente para sua correspondência com leitores presidiários e seu uso da literatura como forma eficaz de compaixão concreta e da promoção planetária da paz.

Outro salto, e ouvimos sua paixão inusitada pela interface entre

matemática e estética em autores como Godfrey Harold Hardy, Jacques Hadamard e Benoît Mandelbrot, o teórico dos fractais. Prossegue com o seu interesse pelo brasileiro Ubiratan D'Ambrosio, pelo romeno Ion Barbu e pelo russo Yuri Manin. Nesse campo, aparece nítida a autonomia intelectual de Marco Lucchesi, que se inspira de criadores de todos os pontos do planeta.

Na relação com as línguas estrangeiras, aparece um bilinguismo constitutivo, raiz do sentimento de se sentir "anfíbio", com dois corações e pertencendo a duas pátrias, à vontade com os versos de Mario Luzi e de Drummond, de Dante e de Camões. Depois vieram as outras línguas, ouvidas no rádio de ondas curtas e estudadas: francês, alemão, esperanto, árabe, turco, persa e muitas outras, entre elas, mais recentemente, o tupi. O poder da língua é revelado em duas cenas inesquecíveis: a visita ao campo de refugiados palestinos em Sabra e Chatila, e a visita à prisão de Bangu, quando o domínio do árabe e do romeno rompe toda barreira e suscita imediatamente o diálogo.

A escrita em outros idiomas faz parte da história de todas as culturas. Alguns dos mais importantes escritores e pensadores mundiais escreveram em línguas não-maternas, entre outros Leibniz, Joseph Conrad e Samuel Beckett. O que singulariza Marco Lucchesi é que, além de escrever em português e italiano, escreveu também em árabe, russo e português arcaico.

A poética do escritor-tradutor tem uma relação íntima com a música. Aqui vemos um dos momentos mais entusiasmantes da entrevista: jorram os nomes de compositores eruditos, dos românticos à vanguarda, além de uma terna homenagem ao piano de aprendiz, carinhosamente nomeado "Alberto, Albert Schmölz", e à professora Carmela Musmanno.

Sobre os estudos tradutórios, ficamos sabendo da amizade com um dos grandes tradutólogos alemães, Hans Josef Vermeer, e que a primeira tradução aconteceu aos dezesseis anos, o *Cântico Espiritual* de San Juan de la Cruz. Ficamos sabendo ainda da existência de

vários textos traduzidos assinados com pseudônimo, da destruição de alguns deles, como certos cantos da *Commedia*, e que parte do que traduziu foi por impulso próprio, parte a pedido das editoras. Também foi revisor de poesia traduzida — entre outras, a do *Inferno* de Dante por Jorge Wanderley —, o que diz muito de sua humildade e de sua boa relação com editores e tradutores. Resumindo sua relação com o texto traduzido, fica a predileção pelo trabalho com Khlébnikov, a amizade com Umberto Eco e o traduzir versos como parte de sua própria produção poética.

Desenvolve também uma reflexão filosófica sobre a tradução e a "condição poliglota", em que entram Kant, Saussure e Walter Benjamin, equiparando as questões tradutórias com aquelas relativas à teoria literária e à literatura comparada.

A pergunta sobre a relação entre o ato de traduzir e o fazer literário é respondida com a analogia da alquimia, presente em vários momentos do texto, e são lembrados projetos de "língua perfeita" de

John Wilkins e de George Dalgarno, assim como as "máquinas de tradução".

Indagado sobre a relação entre tradução e escrita autoral, Marco Lucchesi relembra uma automissiva em que renunciava à condição de tradutor; o gesto sinaliza as ambiguidades da relação do criador com a tradução. Ao prazer de traduzir segue-se o prazer de ser traduzido para o alemão por Curt Meyer-Clason, tradutor de Guimarães Rosa.

É com aforismos que o entrevistado responde à pergunta sobre seu método de traduzir. Um deles representa bem a concepção predominante no conjunto: "Um tratado de cabala pode ajudar o tradutor mais que dezenas de manuais de teoria."

Em relação à militância, último tema da entrevista, Marco Lucchesi tem também uma posição independente. Sobre a universidade, retomando pensadores como Marx e Ernst Bloch, vê seu papel como essencial para as "mudanças estruturais de nosso país". Quanto à

sua atuação prática, fica evidente sua prudência, tentando evitar conflitos e preservar a "transversalidade poética".

Ficamos sabendo de dois gestos raros e solidários: o trabalho de formação de bibliotecas nas prisões e a doação de três mil títulos da biblioteca pessoal para a biblioteca da Universidade Federal Fluminense, entre livros (muitos deles com dedicatórias de escritores célebres), folhetos e partituras.

Outro lado surpreendente aparece sob a figura incomum do "professor e peregrino", que se desloca a lugares como Índia, Japão, Líbano, Síria e Egito, onde encontra o romancista Nagib Mahfuz.

A máquina Marco Lucchesi não para e os projetos são muitos: uma revisão dos *Poemas Reunidos*, um romance e um livro de memórias.

Como complemento à entrevista, há uma rica biografia sucinta, seguida de uma vasta bibliografia. Nela encontramos poesia brasileira, italiana, romances, ensaios, memórias e testemunhos, textos lúdicos, obras organizadas, catálogos de exposição, epistolário, obras

fac-similares, participação em antologias, participação em livros de ensaios, roteiro e traduções. A lista contém títulos e autores fortes, farta matéria para os pesquisadores dos Estudos da Tradução: dois romances de Umberto Eco, a *Ciência Nova*, de Vico, os poemas do romance *Doutor Jivago*, Eugène Guillevic, Primo Levi, Rûmî, Hölderlin, Velimir Khlébnikov, Georg Trakl, San Juan de la Cruz, Francisco de Quevedo, Angelus Silesius.

Saímos desse livro conhecendo um pouco mais sobre Marco Lucchesi, enriquecidos por sua história de vida e pelos muitos autores que ele compartilha com o leitor, como um mestre que ensina por breves alusões.

Ao lado: *Marco Lucchesi e os olhos do deserto.*
Ana Miranda, 2003.





Memórias

A história de sua formação, a sua infância e a paixão de ler.

Não há como negar os desafios na composição de uma biografia. É como se fosse um tapete persa, por onde corre uma leitura bifronte, o verso e o anverso, de quanto se diz e daquilo que permanece freudianamente impronunciável. E onde coabitam, quando não se entrechocam, diversos níveis de potência, tempo e matéria, irredutíveis, nas híbridas proposições intelectuais e afetivas. E, portanto, parcial, no esforço precário de objetivar-se.

Por onde começar, afinal, senão através da evocação da *Infância em Berlim*, como em Walter Benjamin, livre da fictícia progressão de

acúmulos, ou de frágeis triunfalismos, que desenhem a *acme* de um corte biográfico, a contrapelo? Impossível reeditar uma posição pós-romântica e narcísica de Giovanni Papini, hoje insustentável, do herói sem paralelos, em desacordo com o mundo, em permanente *egorragia*. Será possível não incluir a soma de fracassos, tantos e diversos, que impediriam um discurso de ascensão retilínea, não seguir a liturgia — laica — de uma glória frágil, quase escura porque autocentrada, acumulando eventos, como se fossem garrafas *pet* no oceano do triunfalismo, a cada etapa de louvor ao *Sich-Selbst*? Melhor é a compreensão de Edward Said, em seu livro *Fora do lugar*, cujo título é metáfora que nos fere a todos, condição fulcral da pós-modernidade, a definição de *outsider*.

Outra saída menos improvável, talvez, seria a remissão ao itinerário intelectual de Karl Popper, buscando o cerne das questões, "medulas e essências", que refletissem "conteúdos crescentes", abertos — sem cortar o cordão umbilical da História. E, com modelos outros, sentimento-ideias que esclarecessem as dimensões

razoáveis, culturais e ideológicas do que possa representar uma memória em trânsito, a adesão de conceitos mínimos, o desforço teórico ambientado com harmoniosa fluidez e inquietação. O quadro possível de uma escrita com a urgência do agora, no palácio pós-agostiniano da memória, que se lembra de esquecer, com alcance pós-freudiano, segundo Harald Weinrich, longe das *Confessiones*, mas no dissenso, agora inconfessável, na busca de um resíduo aparente ou fragmento luminoso, de um repertório comum, reunido por Cioran no *Breviário da decomposição*.

Minhas raízes afundam na Toscana. Dali se origina minha família, precisamente na região da Lucchesia, da Garfagnana a Viareggio, entre o lago de Massaciuccoli e o amplo conjunto de colinas sobre cujas altitudes sobressaem tantas igrejas românicas. Lucca é uma cidade de antigas tradições, evocada mediante vários nomes ilustres, como o de Puccini, ou pela série de baluartes que compõe suas muralhas, descritas por Cervantes.

A cidade em que nasceram meus pais chama-se Massarosa, na província que pertence àquela república plurissecular. Já o sobrenome Dati, materno, provém de antiga família florentina. Um de seus membros migrou para Lucca e habita, para sempre e por motivos sérios, o *Inferno* de Dante. A tradição das três repúblicas em guerra, Pisa, Lucca e Florença, marca a história e a paisagem da região.

Meu pai, Egidio, nasceu em 1924, sob a dinastia dos Savóia, na era Mussolini, dois anos após a Marcha de Roma. Minha mãe recebeu o nome da rainha, Elena, e nasceu em 1931, entre o assassinato do deputado Giacomo Matteotti e a morte de Gramsci na prisão. Meu pai nutre grande repulsa pelo fascismo e quase perde a vida no decorrer da guerra, perseguido pelos alemães, pelos fascistas, ou debaixo do bombardeio americano em Pisa, quando estudava na escola Leonardo da Vinci.

Minha mãe era menina, como dizem as datas, mas jamais se esqueceu da entrada da FEB em Massarosa, para libertar a cidade do

jugo da Wehrmacht. O general Zenóbio da Costa hospedou-se na casa de meu avô materno, Valente Dati. Nos idos de 1951, movido por um espírito de aventura, meu pai chega ao Brasil e tem um encontro improvável com Assis Chateaubriand, que o encarrega de cuidar dos transmissores de seu futuro condomínio de emissoras de rádio, a princípio na capital da República, e logo em todo o Brasil.

A proposta era irrecusável e meus pais se casaram por procuração. Minha mãe desembarcou no porto do Rio de Janeiro em dezembro de 1953. Pensava-se provisória a permanência na América do Sul, dois ou três anos. E, no entanto, aqui viveram *fino alla morte*: ela, em 1994; ele, em 2009. Minha avó materna, Quintilia Lorenzoni, foi a única, dentre os avós, que cheguei a conhecer, e narrava para mim o *Orlando furioso*, enquanto meu pai recitava cantos da *Divina Comédia*. Minha mãe amava a poesia e tocava com elegância Puccini, Fauré, Debussy, bem como peças populares italianas e

brasileiras. Não faltaram Cartola, "Chão de Estrelas", Paulinho da Viola.

Nasci em dezembro de 1963, em Copacabana, sem irmãos. Minha primeira língua foi o italiano, em casa, junto com o português. Nascer bilíngue não significa conhecer duas línguas, mas ser habitado por ambas, pertencer a duas casas, a alçadas complementares e contrárias, com a percepção do significante que antecede a expressão, o amplo vestuário para um mesmo significado e os alfaiates lexicais sem férias nem remuneração. A língua materna, como a entendem Ferenczi, Winnicott e também Bowlby, segundo a mais recente *attachment theory*, como afeto primeiro do mundo interior.

Em 1972 a pequena família mudou-se para Niterói, porque meu pai montava os transmissores das rádios Tupi e Tamoio, sistema de alta complexidade, o que lhe rendeu expressivos reconhecimentos no Brasil e no exterior. E desde então não deixei mais esta

cidade, os bairros de Icaraí e Itacoatiara. A primeira visita aos parentes na Itália ocorreu em 1974. Uma revolução copernicana, de mim para mim. Vi com meus pais a obra de Beato Angelico no convento de San Marco, em Florença, e os Uffizi com Giotto e Cimabue, Piero della Francesca e Botticelli, a cúpula de Brunelleschi, em Santa Maria del Fiore e, no Museo dell'Accademia, o David de Michelangelo.

Ouvi histórias da guerra contadas pelos sobreviventes, o excídio de Sant'Anna, e que a vida de um nazista era equivalente à de dez italianos. E ao mesmo tempo via, com meus olhos úmidos de aurora, a Piazza dei Miracoli, em Pisa, a *Transfiguração* de Rafael e o mundo resumido na Capela Sistina, em Roma, sobre a qual escreve à perfeição Affonso Arinos em *Amor a Roma*. Daí me veio o impacto da História, da Idade Média e do Renascimento. E os afetos mais sentidos e profundos de uma língua mil vezes maior que o léxico familiar.

Entrei no Salesianos de Santa Rosa, sob a orientação de Dom Bosco e, através dele, Paulo Freire e Anísio Teixeira. O maior órgão da América Latina encontra-se na igreja deste colégio. Padre Marcelo Martiniano era uma tempestade, um capitão de navio, executava Bach e César Franck como quem produz uma estranha e sublime Ur-música.

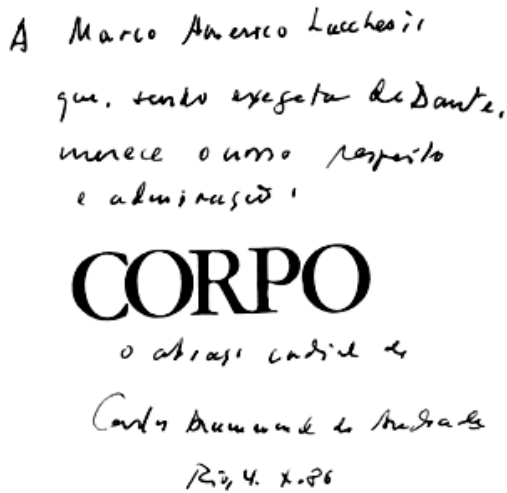
No ano do pré-vestibular, aborrecido com o ritmo das matérias e sofrendo com o desejo, a necessidade — real — de mudar o registro das disciplinas, um mal de que não me curei na Universidade, escrevi uma redação em sala de aula, em alemão, em torno de Kafka. O mote era o do jovem escritor tcheco e dizia: uma gaiola saiu para buscar um pássaro — que era como eu me sentia, aprisionado no ano do pré-vestibular. Desejo de distinção, vaidade pueril de quem ostenta um troféu? Sem dúvida. Mas era sobretudo, e posso afiançá-lo com o passar do tempo, um pedido de socorro. Voltarei mais adiante ao estudo das línguas. Antecipo tão somente que fiz o vestibular para História.

Minha relação foi em geral muito boa com alunos e professores, sobretudo os de humanas. Devo ao saudoso José Inaldo, professor da antiga oitava série, ainda no Salesianos, um referencial de leituras, de cartografia heterodoxa, em que a *Weltliteratur* avança pelo coração das letras brasileiras no século xx. Com Inaldo, cheguei a Antonio Carlos Villaça, a seu drama e memorialismo abissais, a uma pauta concisa e luminosa.

> Mares de abismos e escolhos. Um navio, arfante.
>
> Levantou âncora. Içou as velas. Continentes ignorados e por explorar. Ilhas desertas e estranhas cidades. O Norte, sempre desejado. Uma enseada Anotei o primeiro encontro com Villaça, doze anos depois, onde pudesse aportar, afinal, livre das tempestades...
>
> Fazia um céu límpido, quando o conheci.
>
> Aos vinte anos de idade, todos os céus são altos e claros.
>
> Villaça era o navio.
>
> E disse coisas admiráveis sobre *Invenção de Orfeu*, como

> jamais ouvira alguém dizer antes dele. Tive a certeza de que estava diante de uma altíssima inteligência poética. Villaça não se igualava aos críticos-abutres, afundando suas garras na carne do texto, esperando-lhe a morte. Era possível aderir radicalmente à literatura.
>
> Havia sempre "um copo de mar para um homem navegar"[1].

A frase última é um verso de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima. E Villaça me levou, por sua vez, a conhecer Drummond e Maria Julieta. Meu coração de vinte e um anos batia forte quando vi o poeta da "Máquina do Mundo" no almoço de oitenta anos de Affonso Arinos. Faltavam-me palavras. Devo a Drummond, para além da dívida que todos os brasileiros contraímos com seu banco dadivoso, o estímulo a escrever meus poucos versos e a prosseguir os estudos sobre Dante e as traduções de Hölderlin. Lembro-me como se fosse hoje, voltando para Itacoatiara, o céu azul, e o começo de algumas breves cartas e dedicatórias, que depositei na Biblioteca Nacional.



Dedicatória de Drummond. Excerto do catálogo da exposição *Autógrafos*, que contempla parte dos livros doados por Marco Lucchesi em 2015 ao Centro de Memória Fluminense.

A sua relação com a história o levou a graduar-se na Universidade Federal Fluminense, e terá decerto implicações no seu ofício de tradutor?

Sem dúvida, como forma de ler e traduzir o mundo, para além das traduções em paralelo que começava a realizar com maior disciplina. Em 1982 entrei para o curso de História da UFF, sob os primeiros ares de uma vagarosa transição democrática que havia de contar com o movimento das "Diretas Já", ao qual me integrei com todas as forças pouco antes dos vinte anos. E boa parte da paisagem da Faculdade de História refletiu a vicissitude dos tempos autoritários, como centro de resistência, com o brilho e as dificuldades consequentes de sua qualidade política intrínseca. Sob todos os aspectos, um curso de alta qualidade, em permanente debate metodológico. A assim chamada História das Mentalidades era exorcizada pelos cães de caça da escola. Chegávamos, no máximo, à *École des Annales* de Lucien Febvre e Marc Bloch — o que não era nada mal. O centro era a obra de Marx, nas partes-chave

de *O capital*, em contraposição à mecânica pobre da teoria do reflexo da infra- na superestrutura. História Antiga e da Idade Média, do Oriente e do Ocidente eram traduzidas com as lentes redutoras do modo de produção asiático.

Tinha dezoito anos, estudava com absoluta fome, e não havia arte, literatura ou filosofia nas aulas de História: só o que havia era um *terra a terra* econômico, sem dúvida importante, mas limitado a gráficos e balancetes, monopólio de uma teocracia econômica a invadir o núcleo da metodologia. O baixo marxismo desobrigava-se de inquietações eruditas, diferentemente de Marx, ao longo de cujas páginas passavam Dante, Shakespeare e Goethe.

Muitos professores — não todos — traziam as mãos limpas, sem a poeira dos livros antigos e documentos, porque viviam nutridos por uma espécie de apriorismo alucinógeno. E não me era estranho o salto de Nietzsche da filologia para a filosofia. Já começara a estudar a *Ciência nova* de Vico, que traduzi ao final dos anos

noventa, com uma visão, por assim dizer, pré-nietzschiana da filologia e da filosofia, do conhecimento das fontes, necessário, indispensável, mas insuficiente se nele não recai uma potência reflexiva, um *approach* rigoroso que desenhe — para além dos fatos e das fontes — uma forma, um conjunto analítico, um feixe de linhas de força.

Que me seja concedida uma longa citação para resumir o período:

> [...] jamais duvidei que a contribuição do materialismo histórico foi das maiores conquistas para além do marxismo. O que se mostrava terrível era uma extensa postura que radicalizava o materialismo como se fosse moralina de alta dosagem. Sobretudo no campo de uma assim chamada verdade proletária. A política devia reger a perspectiva. O conhecimento servia apenas para a revolução. Tudo passava para segundo plano diante do assalto que se devia desenhar contra o estado. Lênin era o fantasma de mais alta patente. Pouco Trótski. E muito Stalin! Praticava-se uma escolástica viscosa, sem dialé-

> tica, dogmatizada e empobrecida. Bastava o domínio de meia dúzia de noções ordinárias para dissertar sobre qualquer assunto — desde que não o conhecesse.
>
> Mandarins do Nada. Lugares-tenentes da barbárie. Abriam-se as jaulas da intolerância, e as matérias que se afastavam na velocidade da luz dos livros de Marx, que, quando, e se, compareciam, não passavam de fragmentos indiretamente alcançados e quebrados para dar suporte a questões despiciendas e unilaterais[2].

Por outro lado, estudava filosofia desde os dezesseis anos. E intensamente a lógica formal, nos cadernos de exercícios e na escolástica, nos dois volumes de Farges e Barbedette[3]. Os grandes livros de história da filosofia e os autores fundamentais eram visitados com frequência, particularmente Platão, Aristóteles, Descartes e Tomás de Aquino. Foram estudos duradouros, que se prolongam até hoje, na companhia de outros e mais recentes nomes. Não compreendo o estudo da filosofia moderna e pós-moderna sem o

conhecimento do pensamento antigo, como fazem algumas repetidoras de grandes pensadores de nosso tempo, segundo Deleuze ou Źiźek, sem o enfrentamento direto com Kant ou Spinoza.

Não evitei os estudos teológicos para compreender a estrutura da *Divina comédia*. Como na UFF eu lutava, desde o primeiro dia de aula, e aqui evoco a precisão temporal, contra um espírito neopositivista na Universidade (contra o qual me posiciono até hoje com igual fervor). Precisei tantas vezes justificar meu interesse pela teologia, nos ensaios que escrevi. Não pode haver restrições comtianas. E, sem o conhecimento da teologia, torna-se impossível abranger regiões oceânicas da *Divina comédia*, embora a obra de Dante resida em sua maravilhosa *ragion poetica*.

Sentia-me sufocado e, na greve de 1984, pensei em abandonar a UFF e ingressar na Universidade de Pisa, no curso de Filosofia. Não me faltaram apoios de todos os lados, mas questões familiares de saúde representaram um efetivo impedimento. Assisti, no

entanto, às aulas do professor Silvestro Marcucci sobre Kant e debates memoráveis sobre Aristóteles e o neoplatonismo.

No discurso de formatura da História, disse que era preciso levar arte para a História, levar cultura, literatura, patrocinado por Le Goff e Duby, Huizinga e Fustel de Coulanges. Decidi que não faria pós-graduação na UFF. No entanto, jamais deixei de reconhecer a excelência da minha graduação em História, o preparo dos professores e a quadratura do tempo.

Continuava a ler com método e voracidade. Formei durante minha vida uma biblioteca enorme, dividida entre duas casas, no Brasil e na Itália.

Com a cabeça em Mário de Andrade, Lima Barreto, Machado, Clarice e Guimarães, decidi não voltar para a Itália, como quem lamenta não ser um brasileiro de gerações. Tratava-se de uma leitura anacrônica, digamos, que eu mesmo realizava sobre o significado da Semana de 1922. Vivi uma crise de identidade e, nesse

ínterim, tive o privilégio de conhecer pessoalmente a doutora Nise da Silveira, no dia exato do falecimento de Maria Julieta Drummond de Andrade, quando vi Drummond dolorosamente imóvel, uma estátua de sal.

Com a doutora Nise, adquiri um universo fascinante. No afeto, na amizade tão improvável que nos aproximou, no continente do psiquismo que me encantava. Seria um longo capítulo tratar da "doutora", como a chamava por antonomásia. Direi apenas da admiração irrestrita por seu trabalho, que me trazia de volta o colorido goetheano contra o cinza da História. Escrevemos juntos algumas coisas, enquanto eu abordava o piano nas festas de Natal na Casa das Palmeiras.

Transcrevo uma nota sobre o fascínio que ela exerceu sobre mim:

> A força de sua exclusividade apoderava-se de mim. Um velho de 23 anos e uma jovem de 84 preparando a cerimônia do chá!



Com a Dra. Nise da Silveira (1905-1999).
Rio de Janeiro, 1996.

> Tardes ensolaradas. Abissais. [...] Como traduzir o alto sentimento de amizade que nasceu entre nós com a força de um raio? Como abordar cartesianamente aqueles dias inabordáveis, que tanto me impressionaram? Como explicar o poder das afinidades eletivas? Como representar o rosto do anjo?
>
> O encontro com Nise da Silveira foi um acontecimento que me levou a meditar sobre os obscuros caminhos interiores, aqueles que levam ao secreto manancial das criaturas, além da superfície e do rumor das coisas. [...][4]

Em entrevista à revista Cadernos de Tradução (vol. 2, n. 6, 2000) *você afirmou: "Gosto de cultivar mil olhos. Míopes e astigmáticos. Mas, ainda assim, olhos". De fato, as suas obras ensaísticas, e também as de ficção (poesia, prosa), comportam conhecimentos — literários, linguísticos, filosóficos, teológicos, musicais, astronômicos, históricos, matemáticos — que extrapolam os próprios limites disciplinares e avançam para a fusão, ou transposição, de saberes. Como você definiria o lugar da literatura dentro do seu universo intelectual?*

Como nasceu o seu contato com a(s) literatura(s)?

Com a nênia de minha mãe, presumo. As orações de minha avó, que nasceu na Garfanhana e lia Ariosto, o *Furioso*, e a relação paterna com Dante, como disse anteriormente. E o piano de minha mãe. Tudo me interessa. O Jogo e sua disciplina. Adoro estudar. Mas não deixei de viver. Gosto de livros. Gosto de pessoas. Cheguei a ter em torno de cem mil livros, entre a casa de Itacoatiara e o apartamento. Comecei aos doze a ler com sistêmica organização e intensidade. A literatura foi o modo de operar universais fantásticos. A literatura como ponto ecumênico. E Italo Calvino reconfirmou especialmente, assim como Umberto Eco, uma demanda enciclopédica. Mas a raiz de tudo isso se assenta em Dante. Ele não se limitou a um *Tesoretto*. Criou um sistema ambicioso e iluminado como a *Commedia*, que articula alta poesia e amplo saber. Não a erudição pela erudição. Mas o conhecimento organizado por uma contundente virtude poética. Continuo míope, em

maior grau, e astigmático, mas não desgrudo um só momento do livro e da paisagem.

Quais foram as leituras que mais o marcaram, e que de alguma forma mais influenciaram a sua formação como escritor?

As melhores e as piores. Tudo e todos. Alguns nomes já apareceram. Claro: Júlio Verne, mas antes, Collodi, *Pinoccchio*. E *Bertoldo, Bertoldino & Cacasenno*. E também os quadrinhos, todos, de modo especial os de Hergé, *Voo 714 para Sidney* e *Carvão a Bordo*. Monteiro Lobato, incontornável. A paixão pelo teatro, que mais tarde me levou a trabalhar com alguns diretores, Rubens Corrêa, Márcio Vianna, Nathalia Thimberg, Luis Mello e Sergio Brito, Goldoni e Molière. Sim, Machado, Dante e Dostoiévski moldaram meu horizonte. Duas revoluções na casa dos vinte: Clarice e Guimarães.

Você se descobriu poeta e escritor de prosa (ensaios, memória, testemunho, romances) quando e em que circunstâncias? Qual é o seu

método para compor, selecionar e organizar os textos que escreve para serem publicados?

Muito variado, mercurial, aberto, poroso, mas num determinado momento disciplinado, com uma dialética precisa. Encho muitos cadernos. Realizo um sem número de esquemas, caço palavras. Um bilhão de textos deletados, abandonados, naufragados. E de repente, quando tudo parece perdido, uma retomada cheia de intensidade, com insônia e enfrentamento amoroso, odioso, de renúncia momentânea e intensíssima adesão. É quase um laboratório alquímico.

Você transita por diferentes gêneros literários: poesia, prosa, ensaio. Tem preferência particular por algum deles?

Ponto de chegada e de partida: a poesia, que é o que organiza a espessura da diversidade.

Eu me considero da família do ornitorrinco. E pergunto a mim

mesmo como organizar as janelas sobre as quais me debruço, como abordar as paisagens que tenho procurado alcançar nos meus trabalhos, nesses últimos anos, como justificar a mim mesmo todo um feixe de acenos, toda uma fila de aventuras, com teoria e método, diante das quais não ofereci a mínima resistência?

Respondo brevemente com a belíssima *Aula*, de Roland Barthes, ou com as páginas dos *Seis passeios pelos bosques da ficção*, de Umberto Eco. Ou seja: que a literatura opera e organiza uma gama de saberes, de tal modo que, como disse Barthes, se todos os livros do mundo desaparecessem num incêndio mil vezes maior que o da Biblioteca de Alexandria e restasse apenas um único livro de literatura, poderíamos, a partir dele, restaurar a futura biblioteca.

A liberdade e o rigor do texto literário, sua complexa exegese, a que responde um espectro fascinante da teoria literária e da literatura comparada, representam efetivamente um índice de extrema complexidade. O leitor-crítico é uma espécie de ornitorrinco, porque

reúne todas as riquezas, todas as contradições, todos os pressupostos de uma união de opostos, de sua densidade histórica, de suas raízes de classe e geografia, de sua cultura pessoal, de sua sensibilidade, diante de um cardápio hermenêutico variado, cuja escolha dependerá da experiência consubstanciada no gesto de pura gratuidade do leitor experiente.

A *macchina pigra* do texto exige o trabalho incessante, quase em forma de mosaico, e, ao fim e ao cabo, o sentimento necessariamente saudável, do ponto de vista epistêmico, de uma perene incompletude, de uma obra futura, aberta (mas não tanto), cuja interpretação se inscreve num quadro de fluxo e refluxo permanente, como a leitura de Sancho e do Cavaleiro da Triste Figura, no Segundo *D. Quixote*.

Desejo dizer com isso que a minha casa é a literatura, a casa dos ornitorrincos, fora do consumo, dentro de um laboratório de transmutação poética.

E não me esqueço do texto de Eric Auerbach, *Philologie der Weltliteratur*, no destaque à insolvência da diversidade, que se faz maior desde as ruínas do Pós-Guerra:

> É chegada a hora de perguntar que significado possui a palavra *Weltliteratur* no sentido proposto por Goethe. Nosso planeta, campo da *Weltliteratur*, está se tornando menor e perdendo a sua diversidade [...] a suposição de que a *Weltliteratur* é a *felix culpa*: da divisão da humanidade em muitas culturas. Hoje, entretanto, a vida humana está se tornando uniforme. O processo de uniformidade [...] está minando todas as tradições individuais[5].

As repostas ao texto de Auerbach têm sido muitas e diversas. Quero fixar apenas uma observação de caráter pessoal sobre a utilização da literatura fora da sala de aula, como tenho visto na correspondência que me enviam diversos detentos no Brasil ou nos encontros em partes distantes da Terra onde a dimensão planetária de

Auerbach pode ser pensada em outra chave. E, mais precisamente, de que a literatura é também uma ferramenta, um instrumento, uma dimensão necessária para a cultura da paz.

E esse é também um de meus endereços fundamentais, de que não sei, não posso e não desejo abrir mão.

Mesmo com a matemática e a geometria, cujo interesse cresceu no fim do pós-doutorado e com o livro fascinante de Dietrich Mahnke, no âmbito das leituras neoplatônicas e de suas poéticas híbridas. E me conquistou de modo exponencial através dos fractais (como anotei em *Ficções de um gabinete ocidental*), que abriram uma fonte inovadora através do primeiro impacto de uma estranha beleza, desde a famosa edição alemã de Heinz-Otto Peitgen: a propriedade da distribuição das cores e a nova geometria encerravam uma ordem fascinante. Olhar para um fractal era como ler uma partitura, um desenho que significava uma ordem, a *spirami-rabilis* de nosso tempo (nem sempre *espiralada*).

O modo pelo qual a matemática podia lançar mão da figura sem sofrer a perda de seu estatuto, como demonstrou Mandelbrot, me pareceu desde o começo uma alegria desconcertante, uma espécie de grande "não" ao *establishment*. O desenho realizava uma espécie de macro-olhar, uma *telescopia* numérica, como quem visualiza parcelas de infinito, dízimas, funções periódicas diversas, do plano cartesiano ao coração da complexidade.

A ideia da beleza na matemática, que se encontra em diversos autores, como Godfrey Harold Hardy ou Jacques Hadamard, causou em mim grande impacto. Como se me deparasse com uma verdade perdida, um substrato arqueológico que me parecia estranhamente familiar e decisivo. Apreciava na geometria do caos o conceito de escala ou de autossemelhança, esse fio de Ariadne diante de cujos labirintos fractais eu descobria saídas e passagens, como aprendi na leitura daquele famoso artigo sobre o litoral da Inglaterra.

E o conceito de substrato arqueológico se confirmou ao estudar o

percurso de Mandelbrot na *história do caos*, visitando o que antes parecia serem becos sem saída, dando-lhes nova transitividade, como fez, por exemplo, Mandelbrot com os aglomerados de Júlia — lançando-os em áreas dinâmicas, como se instaurassem uma *poiesis* da transitividade. Por outro lado, a nomeação de uma geografia recém-descoberta, dentro e fora da ilha fractal, fazia de Mandelbrot o Colombo de novas terras, filamentos, trombas de elefante. No entanto, os limites da Ilha poderiam estar comprometidos ou ameaçados pelo desejo reiterado de domar o indomável, de exorcizar o demônio do caos, criando uma espécie de supermatematização que pudesse de algum modo deter-lhe o fluxo, civilizá-lo, como se o ruído e o contracanto tivessem de passar pelo velho sonho euclidiano, cuja presente denegação, a do caos (colocando-o entre parênteses, por ordená-lo ou pós-euclidianizá-lo), só o confirma em instância freudiana.

Os fractais foram a ponta de uma matemática mínima aplicada (de que eu me tornara um incerto gestor); a outra ponta residia

nos cálculos elementares de minha condição de astrônomo — bissexto e amador — para que meus telescópios ficassem bem apontados.

Seria longo tratar de meu interesse pela etnomatemática e pelos trabalhos colaborativos com o professor aposentado da Universi-



Com o professor Ubiratan D'Ambrosio, pioneiro nos estudos da etnomatemática, Niterói, 2008.

dade de São Paulo, Ubiratan D'Ambrosio, conhecido mundialmente por uma compreensão antropológica e histórica da matemática.

Assinalo, por fim, um ensaio mais longo que dedico ao pensamento do grande poeta e matemático romeno Ion Barbu, que unificou, sob múltiplos aspectos, essa proximidade. Chegou a dizer em uma entrevista, na década de 1920:

> Eu me considero mais um praticante de matemática e menos um poeta, e apenas até o ponto em que a poesia evoca a geometria. Apesar de parecerem contraditórios, à primeira vista contraditórios, esses dois termos, existe em algum lugar, no alto domínio da geometria, um lugar luminoso, onde a geometria se encontra com a poesia[6].

No momento me dedico a esse *topos* luminoso, com as obras mais recentes do matemático romeno Solomon Marcus e da contribuição do matemático russo Yuri Manin, que estuda a dimensão metafórica da matemática.

Poderia falar um pouco a respeito da sua relação com as muitas línguas que você conhece? O que o move a estudar e a conhecer tantas línguas? E ainda a criar novas línguas, como a língua laputar?

Assim me defini em certa ocasião: sou um brasileiro recente. Nasci anfíbio. Tenho duas línguas e dois corações. Metade adesão. Metade abandono. Trégua feroz. E surda guerra. Um solo a duas vozes. O violino e o contrabaixo. E já não sei qual dessas vozes melhor me pronuncia. Um verso de Luzi e outro de Drummond. O Maracatu de Mignone e os crisântemos de Puccini.

Duas pátrias e duas línguas.

A primeira veio dos olhos castanho-claros de minha mãe, onde sorvi a língua toscana: a melodia sinuosa das colinas que impedem que os de Lucca vejam os de Pisa, como disse Dante; o aroma puríssimo do azeite das terras de Massarosa e o céu em chamas à beira do crepúsculo; verbos e palavras antigas, como *acquaio*, *polla*, *augello*, que se entrelaçam com a vegetação do lago de Massaciuc-

coli; a altura das vogais, como a da torre da igreja de Pieve a Elici, onde me perco num sonho de ascensão. Minha memória absorve passagens da *Divina comédia*, como a de Paolo e Francesca.

A outra língua é a portuguesa, a que aprendi a amar duas vezes, como brasileiro e filho de italianos. Língua de matriz antiga, de ínvios mares e sertões bravios, do Esmeraldo de *situ orbis*; subúrbios da Leopoldina e praias antigas, como Icaraí, Adão e Eva, Jurujuba; língua de nações indígenas e africanas; língua de Vieira, contra as armas de Holanda; do magma de Guimarães Rosa; das tempestades que varrem a obra de Clarice; do abismo em que flutua o delírio de Brás Cubas. Todos repercutem em meu destino de escritor. Como esquecer, afinal, a insuperável lição de Tétis, dos *Lusíadas*?

São estes os fantasmas que habitam minha nau peregrina. Vivo um atlântico de extremos. Naufrágio e calmaria. Destino e perdição. Qualquer coisa de intermédio que vai de mim para o outro. Da

máquina do mundo ao amor de Francesca. Donde essa paixão visceral por Dante e Camões. Sou como um duplo cercado de espelhos. Imagem perdida na Ilha dos Amores ou nas praias do Purgatório. Vasco e Virgílio. Afinal, *amor meus, pondus meum*. Meu amor é meu peso. E quanto a mim, não tenho outra saída senão a de multiplicar por dois minha densidade rarefeita. Depois disso vieram outras línguas, tendo como ponto de partida esse bilinguismo.

Meu interesse inegociável pelas ruínas da Torre, desde a infância, aumentou com o aparelho de ondas curtas RCA que ganhei de presente, através do qual sintonizava as mais estranhas estações do globo, aos dez, onze anos de idade. Foi como abrir-se a uma nova dimensão.

Comecei a ler com disciplina, a partir dos doze anos, no manancial da biblioteca de casa para cuja expansão contribuí, a partir da mudança para Niterói, embora muito jovem. Nesse período co-

mecei a estudar francês (chamava-se Rose ou Rosa a professora?), e alemão, com a professora Zoé Stepanov, russa de nascimento que me ensinou sua língua materna quatro anos depois. Duas línguas que me são preciosas, assim como Dona Zoé, que ainda vive, a solfejar com estro os compassos do *Yevgeny Onieguin*, a recitar Liermontov, corista da igreja ortodoxa russa, no Saco de São Francisco.

Já estudava esperanto, ao mesmo tempo em que aumentava meu interesse por outras línguas. A bem da verdade, ninguém domina um idioma. Ao atingir-se razoável intimidade com uma língua estudada, passa-se para o seu domínio. Por isso, trago comigo mais de vinte domínios ou vinte fantasmas. Casas vazias, casas habitadas. No início era um interesse, por assim dizer, e *avant la lettre*, filológico, que de pronto transformou-se num desejo de comunicação com o mundo, urgente, depois das ondas curtas e do rádio cidadão (meu prefixo era PX-1 0804) para se chegar aos poetas, à fonte, ao saboroso original. As línguas me abriam horizontes

sonoros, às vezes duros, como o árabe, escuros como o turco e sinuosos como o persa.

Do mesmo modo como reagia, com selvagem rubor, quando me instavam a tocar piano, igualmente me negava a dizer quantas línguas estudava. Mesmo em recente orelha de livro meu, não corrigi o número de línguas cujo conhecimento me atribuíram. Talvez um sistema de proteção, porque achava ofensivo elogiar-se alguém pelas línguas que pudesse conhecer, quando tudo não passa de mera e metódica disciplina, não mais que isso, a mesma que me levou às línguas antigas, e hoje, ao tupi. Mas não farei o catálogo de um Leporello, "*il catalogo è questo*", vaidoso e ciumento de *Don Giovanni*. Sem mencionar o conhecido escrito de Lacan, direi apenas que tive duas oportunidades de orgulho afetivo por falar a língua de meu interlocutor, como o entende o *Eu-Tu*, de Martin Buber.

Cena 1 Visito os campos de refugiados de Sabra e Chatila, no Líbano, com os olhos cheios de dor, raiva e compaixão, no fim dos anos noventa. Saúdo em árabe o jornalista que me esperava. Isso me abre o campo de horrores, na companhia de velhos e crianças que diziam: "É nosso amigo, o moço fala a nossa língua!"

Eis o que resumi daquela visita: mundo esquálido e sombrio. Horizonte sem horizonte. Tristeza difusa e sem lágrimas. Holocausto dos vivos, se a vida que levam pode se chamar de vida. Quinze mil refugiados num quilômetro quadrado. Quatro gerações impedidas de ser, e um cheiro de morte. A largura das ruas vai de cinquenta a noventa centímetros: vida sem paisagem, vida sem destino. Apenas uma sombra: o massacre de Sabra e Chatila, ocorrido em 1982. Mil e quinhentos civis trucidados pelas milícias cristãs. Velhos, mulheres e crianças. Como doem esses campos! E os olhos irisados de lágrimas:

— *I am so happy you speak arabic.*

Compreendo que anjos, no sentido etimológico, podem nascer das palavras.

Cena II No complexo de segurança máxima de Bangu. Faço minhas visitas para levar livros às várias bibliotecas do cárcere e para fazer a leitura de textos que possuam potencial libertador. É um tema fascinante e doloroso, sobre o qual escrevi mais de uma vez. O encontro não fluía bem, pedi que formássemos um coro. Treinamos, cantamos. E a barreira invisível cai por terra. Debates, perguntas. E descubro um estrangeiro que se recusa dizer o país de origem, como se fosse impossível conhecê-lo e, mais ainda, pronunciá-lo. Disse-me que vinha de Braşov, na Romênia. Respondi na sua língua, porque a Romênia, depois do Brasil e da Itália, tornou-se meu terceiro país. Ergue-se então o prisioneiro, sem autorização dos guardas, e me abraça e me beija no rosto. E, como nos campos de refugiados, percebo nosso grau de orfandade, na prisão, na cidade de escombros, órfãos da língua-mãe. E assim, a



No Instituto Penal Plácido de Sá Carvalho, Bangu, RJ, 2017.

imperiosa necessidade de falar naquela língua que nos abastece de futuro e de passado.

Como é compor em outra língua?

Sempre foi marcado por uma necessidade. Por exemplo, os poemas italianos, acho que cinco livros, todos reunidos em *Irminsul*, foram escritos depois de perder minha mãe. Os poemas em árabe, muito poucos, escritos e corrigidos depois, em virtude da leitura que precisei fazer, desafiado, no Café Naufara em Damasco. A Curt Meyer-Clason agradeci, em alemão, a tradução que fez de meus versos. Em russo, o poema que dediquei a Svodoba Batchvarova, búlgara de nascimento, mas russa de formação. Um poema em provençal, provocado por uma pesquisa na obra de Dante. E uma homenagem a Cleonice Berardinelli, em prosa antiga, para comemorar o centenário de sua idade. Sempre pelo desejo de comunicação. Filho único, precisei ampliar a ponte que vai de mim ao outro, para citar Sá-Carneiro.

Como você definiria a sua poética? Parece que a música realiza um papel fundamental?

Creio que sim. Comecei a estudar piano aos doze anos, com a professora Carmela Musmanno, e por mais de dez anos, de Hanon e Czerny à *Rapsódia Húngara n. 2*, à *Sinfonia do Barbiere* de Rossini, à *Dança das Horas* de Ponchielli, e me refiro às obras com *presto con fuoco* pois, adolescente, gostava de correr, não só no teclado, mas nas pistas de cem metros rasos no colégio, ainda que fosse péssimo em corridas mais longas. Transcrevo trechos de um texto que escrevi, intitulado *Meus Pianos*:

> Não tive mais de um, sóbrio, modesto, elegante, de armário, que chamei e ainda chamo de Alberto, Albert Schmölz, afinado não faz muito, com vênias e cuidados, e com quem ainda converso, ao entardecer, evocando passados e futuros. Há pianos cem vezes melhores que o meu, martelos mais leves, emissões veludosas, corpulentos, de meia cauda ou inteira.

> Mas que fazer, se já o conheço pelo tato, pelo cheiro — pois cada piano guarda um aroma — e pelas mãos gentis que nele me precederam? Ademais, Albert Schmölz foi um piano discreto e generoso, quando me via errar infinitas vezes a harmonia, ou quando buscava compor minhas canções. Eu te agradeço, Alberto, por tantos sonhos e imagens.
>
> Mas — em música — minha atração inicial repousava nas formas livres, como os quadros de Mussorgsky, as fantasias de Liszt, os poemas sinfônicos de Strauss. Com o passar do tempo, fui estudando com atenção a forma sonata, a fuga e a sinfonia clássica. Meditava a beleza da forma fixa e do infinito. Da vasta arquitetura e do improviso. Inspiração e estrutura. E provei em Alberto muitas vezes essas notações musicais. E amava os desafios que me impunha[z].

Com o tempo, passei à música mais introspectiva. A reforma de Wagner, a dodecafonia de Schönberg e Weber visitaram-me quando ia na casa dos quinze-dezesseis anos, e através das óperas *Tristão e Isolda*, no Municipal, dos discos vinil do *Moisés* de Schönberg

e *Wozzeck* de Alban Berg. Tive um privilégio aos quinze anos: assistir aos ensaios de Franco Zeffirelli na montagem da *Traviata* no Municipal do Rio, em 1979.

A minha poesia decerto deve guardar misteriosas relações com tudo isso.



Tradução

Em sua autobiografia publicada em Carteiro Imaterial *(2016), você afirma traduzir poesia desde adolescente. Como foram os seus primeiros contatos com a tradução?*

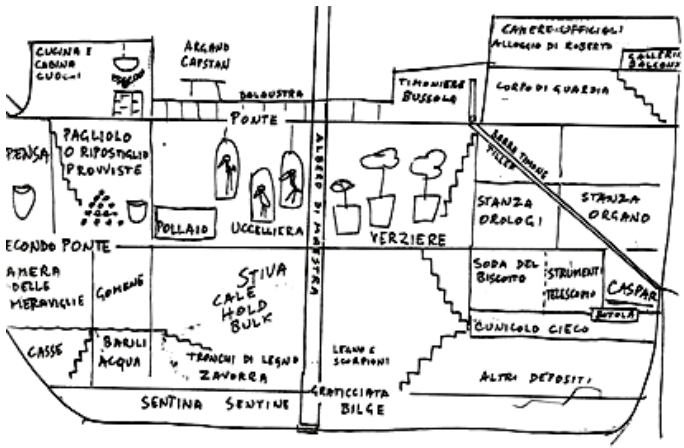
Eu me lembro do amigo Hans-Joseph Vermeer, que considera a tradução num contexto mais amplo de translação. O gesto tradutório cuja textualidade, por assim dizer, coincide com o mundo. Como bilíngue, a translação de palavras, significantes e sinais se tornou praticamente automática. E, no período escolar, revejo um combate para não me tornar prisioneiro de uma interlíngua, no sentido de nadar para atingir duas normatizações nessas águas, o português e o italiano. Portanto, é algo que me acompanhou desde

o início, no país da infância. E depois as outras línguas, e o fantasma da equivalência, e a descoberta daquilo que é próprio das línguas, deslocamentos, e a digital kantiana, segundo a qual cada língua é um fenômeno, um sistema irredutível, uma gravidade absoluta. Minha primeira tradução foi aos dezesseis anos de idade, o *Cântico Espiritual* de Juan de la Cruz. Mas também as cartas da minha família, primos e tios, as aulas de ópera que dava no colégio, sempre no antigo segundo grau. Uma verdadeira necessidade: aproximar meus afetos e endereços multiplicados em semblantes e páginas.

A sua primeira tradução publicada remonta à década de 1980. Seguiram-se oito obras traduzidas na década de 1990, cinco na década de 2000 e três na década de 2010. Poderia falar sobre a gênese e o desenvolvimento de alguns desses projetos de tradução? (Por exemplo, você escolheu os autores que traduziu? Qual a sua ligação com esses autores? Como foi a relação com quem revisou e com

quem editou seus textos traduzidos? Alguma das traduções que você realizou foi mais gratificante que outras? Por quê?)

O número pode variar, algo mais heterodoxo. Breves traduções não assinadas. Outras, não poucas, utilizando pseudônimos. E as muitas que ficaram em gavetas. Aquelas que destruí, como as de alguns cantos da *Commedia*. Outras que foram revistas. E as que programo. Quase sempre escolhi meus autores, sobretudo em poesia. No caso de Umberto Eco, Primo Levi e Roberto Cotroneo, por exemplo, fui convidado. O mesmo com Boris Pasternak, os poemas do fim do romance, a *Ciência nova*, de Vico, e a antologia de Rûmî. Com Eco, uma relação de amizade, à distância, por fax e inúmeros telefonemas. Foi uma prova de fogo *A ilha do dia anterior*, a primeira publicada fora da Itália. Outra bela experiência com a tradução de *Caligrafia silenciosa*, de George Popescu, meu caro amigo. Outras vezes fui revisor de poesia, como na tradução do *Inferno* de Dante, de Jorge Wanderley, entre uma série de obras.



Desenho de Umberto Eco especificando ao tradutor o desenho do navio de *A ilha do dia anterior*, 1995.

Com os revisores, a mais bem-sucedida relação. O livro é uma experiência de muitos instrumentos, uma proposta sinfônica, de muitas vozes, de interlocução preciosa. Cada qual com seu instrumento. O tradutor, aberto ao processo, absorvendo sugestões e correções de rumo, integra-se mais ao texto e o compreende como um fractal. É dele a última palavra, sem dúvida, enriquecida no diálogo.

Tenho especial predileção por *Eu e a Rússia*, que traduzi, de Velimir Khlébnikov. Mas, de fato, a tradução dos dois romances de Eco foram importantes. Nesses últimos anos a tradução de poesia tornou-se uma demanda interna do processo de criação.

Ao falar sobre Fausto no Brasil no ensaio homônimo publicado em Carteiro Imaterial *(2016), você considera a tradução "um gesto incompleto, um horizonte que se afasta, quanto mais próximo se mostra ao observador", e o tradutor, um ser que vive "sob vigilante hermenêutica da suspeita, que não dá trégua, operando com nuances e*

potencialidades, sem maiores ilusões, pois sabe que suas forças enfrentam uma névoa densa, com visibilidade intermitente, como um castelo de cartas, sensível aos ventos da linguagem". Se a tarefa do tradutor não tem nada de solar, o que mais o atrai, ou atraiu, no ato de traduzir?

Sobretudo a ética da tradução literária. Como sabemos, a tradução literária, por motivos de ordem epistemológica, não se limita a um espaço reificado de exclusiva competência linguística. Nem se encerra na dinâmica semântica da língua 1 para a língua 2, do texto de partida para o de chegada, como se o tradutor fosse apenas um operador neutro, movendo maciços blocos semânticos e sintáticos a partir de uma taxionomia vocabular. Essa ideia remete a matrizes quase teológicas, que partem de uma suposta expressão divina, de corte adâmico, multiplicada na confusão das línguas, com a dimensão simbólica da Torre de Babel. Trata-se da conhecida *onomathesia* adâmica, declarada e perigosa univocidade, linha de convergência entre a coisa e o significado, com o

templo místico do dicionário, tendo o tradutor como grão-sacerdote da equivalência das línguas, *sub specie semantica*.

As mais variadas correntes ao longo do século xx — depois de Saussure — desmontaram de uma vez por todas o fantasma da equivalência ao identificar o sistema irredutível de cada língua sem inflacionar a etimologia e os aportes históricos. O conceito de tradução, consequentemente, abandonou aos poucos a ideia de verossimilhança absoluta. Abandonou-se a primitiva esperança de simples comutação entre palavras, tomadas como primas ou irmãs distantes. E com isso, a ideia de que o tradutor não passa de um traidor passou a funcionar apenas dentro do velho paradigma.

Por outro lado, ainda no século xx, uma espécie de sentimento kantiano, ou de toda uma família de fantasmas, veio a dominar o ofício do tradutor, o que terminou por demarcar com maior intensidade o processo de translação aparentemente líquido ou cristalino, em função do *trompe-l'œil* de que o texto de partida

guardaria analogia com *a coisa em si*, essencialmente numenal, e, portanto, impenetrável, irredutível, de modo que o tradutor poderia operar apenas com um campo mínimo de significado. O texto original seria a *coisa em si*, ao passo que o texto traduzido seria apenas o *fenômeno* produzindo um novo curto circuito no que antes se mostrava como um problema de semântica e sintaxe.

Alguns teóricos inclinaram-se a apontar a necessidade de uma tradução menos "redonda", menos "lisa" ou "perfeita", mantendo, desde Walter Benjamin, um halo de estranheza (*Unheimlichkeit*), para que não se diluísse a ideia de um transporte, de um esforço para vencer o espaço de *intransição* entre duas línguas.

É preciso dizer que outras correntes, desde o início do século XX, tornaram ainda mais complexo esse quadro, desde a estética da recepção até os estudos culturais. Deve-se considerar, portanto, a história dos conceitos e a ética da tradução, e também o aspecto cultural. Parte-se da compreensão de que cada língua forma um

sistema que constitui o que se poderia chamar de "condição poliglota", como se houvesse várias línguas dentro de uma única língua, utilizadas por diversos grupos e atores sociais, sempre com uma infinidade de possibilidades semânticas.

O modo como é feita a tradução pode incluir estreitamentos, ampliações ou dissoluções de limites e fronteiras. Ou seja, as questões relativas à tradução literária não se distanciam de aspectos centrais de reflexões que estão no cerne da teoria da literatura. A complexa relação entre história e literatura, entre forma e conteúdo e as definições ou indefinições dos gêneros literários são algumas das reflexões que atravessam tanto a teoria literária quanto uma possível teoria da tradução.

Parece-me de clara urgência, para além do cenário história/cultura, a constituição de uma base física (e não metafísica) da tradução, quando, sepultada de uma vez por todas a ideia da equivalência, torna-se possível discutir os limites de ética e

verossimilhança na tradução, a potência transcriativa, segundo Haroldo de Campos (1989), num mundo povoado por máquinas de tradução mais ou menos complexas. Torna-se necessário rever o papel subjetivo da tradução, da imaginação e da sensibilidade. O aspecto mais forte, do ponto de vista metodológico, consiste em realizar um percurso heterodoxo, em que a aproximação entre culturas já não atenda a um maquinismo vazio, limitado ao dicionário e a uma lógica *fuzzy*, mas a um gesto cultural, impregnado de rumores, estranhamentos e fortes desvios normativos, para se atingir uma esfera teórica relevante e complexa que responda aos desafios da pós-contemporaneidade.

Esse percurso é um modo radical de aperfeiçoamento aos instrumentos mínimos para o exercício da literatura comparada.

A tradução ajudou de alguma maneira no seu fazer literário?

Muito especialmente com a minha saudosa amiga, a doutora

Nise da Silveira, estudei alquimia, partindo dos estudos de Jung. Um pouco disso aparece nos poemas do livro *Sphera* e nos ensaios de *Teatro alquímico*. Volto ao texto que abre o segundo livro e que me parece responder a sua pergunta.

A busca da palavra perfeita e da pedra filosofal tem sido, para alquimistas e tradutores, um horizonte de abismo e de esperança. Vejam-se as páginas de um John Wilkins e de um George Dalgarno, abrasadas pelo sonho da língua perfeita, toda matemática e, por isso mesmo, impraticável. Vejam-se as arrevesadas construções do volapuque e da língua lúmina, sobejamente vencidas pelo esperanto, que constitui, junto com elas, um desafio contra Babel e seu legado de desassossego. Vejam-se, finalmente, os livros de Hutchins e o fascínio exercido pelas máquinas de tradução, verdadeiras retortas, aptas a fixar a tão sonhada *equivalência*. Todos julgavam encontrar, na espessa floresta de símbolos, o número divino e o verbo biblesquecido.

Ora, diante de tantas e estranhas promessas, a tradução e a alquimia, mais do que ao resultado, tendem ao processo, mais do que ao repouso, tendem ao devir, ao ainda-não, ao inacabado, como na transmutação do alquimista, e não tanto da pedra, na numerosofia dos textos sagrados, embora todos compreendam o mundo como um sistema de remissões em que as palavras se aproximam e se distanciam largamente, se expandem e se entrelaçam, como a formar os verbetes de uma vasta enciclopédia. Solventes e fixadores. Signos e serpentes.

Tais cogitações fazem parte de meus ensaios no campo da transmutação. Sinto o fascínio das línguas naturais e artificiais, das máquinas tradutórias, das pontes lançadas sobre o nada. Sigo etimologias compridas e sinuosas. Procuro medir as palavras, combiná-las, separá-las, sabendo de antemão que a escolha é equívoca e plural. Que o segredo é inatingível, como a pedra e o resultado, e que não cessa o movimento, sendo preciso dissolver o

texto-origem para bem mais tarde preparar o matrimônio do enxofre e do mercúrio, de que depende o texto-fim.

Assim me vejo no antro-oficina, cercado por mil dicionários e retortas, tradutor-boticário, experimentando sais, fórmulas e palavras, com destempero e melancolia. Mas não me atenho a combinar e a separar os múltiplos sistemas, alheio ao que se passa dentro em mim. Percebo coisas. Sigo modificado por minhas mudanças. Transforma-se o amador na coisa amada. De tal modo que não sei onde começo e tampouco onde termino. Próspero e Caliban. Dependo de minhas escolhas poéticas tanto quanto estas, de mim. A sombra da influência. Pertenço a Georg Trakl tanto quanto este me pertence. Sou noturno como João da Cruz. Torturado como Quevedo. Orgulhoso como Khlébnikov. Sou habitado pelas casas que me habitam. *Uti possidetis ita possideatis*. Preciso de meus fantasmas. Dependo de minhas leituras. Sigo por toda a parte. Leio as leituras que me leem. Mergulho no abismo. Encontro

o espelho. De modo que não sei onde começo e tampouco onde termino.

Pedra ou palavra?

Como as respostas são falhas e peregrinas e tudo o mais repousa no impreciso das coisas voláteis e dos sonhos, da força dos ácidos e dos léxicos, minhas certezas, igualmente falhas e peregrinas, não se abalam. Termino esta página para voltar de pronto ao laboratório para dessedentar os pelicanos e esta vontade, ambígua e pálida, de me deparar com o verbo esquecido e com a chave derradeira, sabendo, para meu sóbrio desespero, que o verbo não diz e as chaves não abrem.

Dentro dos Estudos da Tradução, considera-se que o texto de partida é um texto pronto e que a tradução é sempre um texto em transformação. Nesse sentido, você acredita ser a tradução uma forma de autoria?

Tudo aberto, cheio de entradas e de saídas. É preciso redobrar a atenção com o texto de chegada. Transformação e metamorfose. Um coautor, sem dúvida. Cheguei a escrever um dia, em *A memória de Ulisses*:

> « Se a tradução literária é a arte de naufragar com dignidade e nobreza — e sobreviver ao mar profundo, aos sabores e dissabores corsários —, o certo é que de sua navegação depende boa parte dos ventos do processo cultural, dos que promovem passagens, diálogos e tesouros, que antes haviam de estar irremediavelmente perdidos. Uma aposta de abertura e finitude, onde a tessitura poética não é mero acidente, mas um apelo profundo que a demanda de um texto deve guardar e transmitir em formas infinitas, com seus mapas incertos e ilhas distantes. Trata-se mesmo de uma rede de coisas sobrepostas, de palavras que descansam umas sobre as outras, de uma teia de fenômenos — levados a uma fonte

incomparável de possibilidades que nascem como dunas levadas pela ação dos ventos.

No entanto, essa rede de inúmeros acenos, esse reclamo de possibilidades intermináveis, dão ao horizonte um saber infinito e, às vezes, uma certa nostalgia *real* da coisa. Apesar dos naufrágios de grande beleza — que podiam evocar uma história trágico-marítima da tradução, ou então uma perspectiva quinto-imperial da tradução, quando um Sebastião-Texto pudesse regressar de um infinito sempre adiado — apesar disso, aqueles naufrágios não apagaram o desejo de me pôr a salvo das águas — tanto quanto possível. É antes de tudo uma tentativa de terra, sabendo e sofrendo, e celebrando, e esquecendo que a poesia não é mais que um laivo — a tentativa de dizer a labareda através das cinzas.

Mas será preciso recordar a presença, a memória do fogo nas cinzas?

Foi quando decidi pôr fim aos meus dias. Ou seja, quando o tradutor que nunca existiu em estado puro, como coisa em si, foi assassinado pelo poeta, que passou a administrar o profundo e a superfície de seu mediterrâneo. Mandei-me uma carta — de condição póstuma, dizendo:

> Declaro para os devidos fins que acabo de morrer como tradutor e que não ressuscitarei para vestir de português e de poesia os poemas de outras plagas e os romances complexos deste mundo. Peço que não guarde saudades. Que me esqueça de uma vez por todas. — *Never More!*

Foi uma espécie de manobra psíquica (fortemente marcada por Brás Cubas), de me livrar não tanto dele, mas de sua tirania exclusiva, e de uma visão que nosso ambiente cultural, tão vivisseccionado, costuma ter do risco literário — para usar o termo de Maurice Blanchot — de que poetas

não traduzem e de que tradutores não fazem poesia. Como se as duas atitudes fossem inimigas. Tentei demonstrar o contrário no texto "Tradução e alquimia", onde eram sugeridos outros caminhos: poeta e tradutor se alimentavam das suas diferenças, como num laboratório alquímico.

Cada linha de Umberto Eco ou do Pseudo-Dionísio sempre mereceram não apenas o necessário tratamento científico, mas a sua sinergia poética. Eu não podia abrir mão disso, pois que não dispunha de duas naturezas, mas de uma apenas, embora multívoca e aberta — com seus fantasmas e missivas póstumas, tal como a carta acima, onde coincidem remetente e destinatário. O que muda é o endereço, não as personagens em questão.

Meu pensamento seguia esse fluxo quando me veio, inesperada, uma carta de Curt Meyer-Clason, com poemas de *Alma Vênus* traduzidos para o alemão. Algo não entrópico

acontecia: remetente e destinatário começavam a divergir. Tesouros eram transportados de ilhas distantes. Naufrágios. Portulanos. Desenhava-se um diálogo de nobre impressão.

Deparei-me com o poema "Reparação do abismo", onde procurei dizer:

No dorso
luminoso
da manhã

procuro

o espólio
de teu canto

e os nomes
alusivos
do segredo...

.....

Procuro
nas alturas
um resquício

do bem supremo
e grave
que perdi

.....

procuro
no sabor
das outras línguas

o verbo
escuro
de tamanha ausência

.....

e assim
procuro a luz
que me confunde

e segue
essa procura
a procurar-me

A tradução congenial de Curt Meyer-Clason diz:

Auf dem leuchtenden
Rücken
des Morgens

suche ich

den Nachlass
deines Gesangs

und die betreffenden
Namen
des Geheimnisses...

.....

Ich suche
in den Höhen
eine Spur

des Höchsten
und wichtigsten Gutenous?
das ich verlor

.....

Ich suche
im Geschmack
der anderen Sprachen

das dunkle
Zeitwort
solch großer Abwesenheit

.....

und so
suche ich das Licht

Das mich verwirrt

und diese Suche
fortsetzt
mich zu suchen

Percebi então que os ventos do diálogo — quase ausentes para as navegações culturais de nossos dias — sopravam aqui com tamanha força, que o papel do tradutor e do poeta deixavam de ocupar um modo de exclusão. E que o seu contrário seria possível. E que o Pirata e o Capitão, o Naufrágio e a Terra Firme podiam e deviam ocupar um mesmo espaço e atitude.

Dediquei — portanto — um poema em alemão a Curt Meyer-Clason, intitulado "*Ein Himmel*" (Céu) — atualmente no livro *Sphera*. Essa homenagem se resolve no elogio de duas cidades. Duas línguas. E pátrias. Todas sob o mesmo céu da

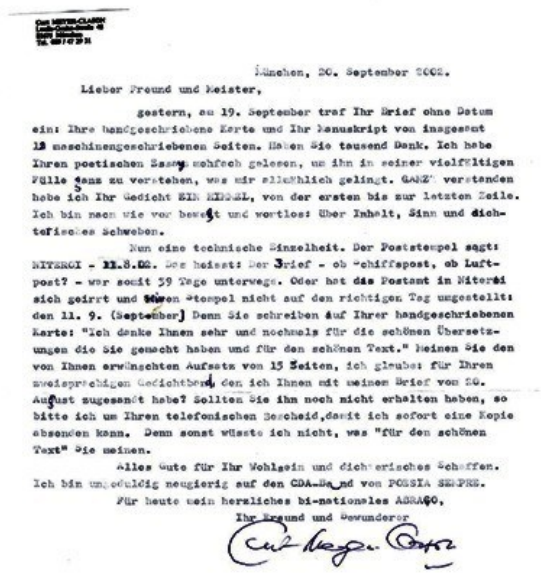
literatura. E duas presenças vivas: do lado luso-brasileiro, Camões: suas cidades e lágrimas, que formam um rio tão vasto, capaz de atingir o Grande Sertão (maravilhosamente traduzido por Curt); do lado alemão, Hölderlin e a ilha de Patmos, além de uma citação indireta de Trakl — em modos imperceptíveis:

> *Der Wortfluss und das Helle Wasser des Denkens — Zwei Sprachen und Ihre Flügel: — Die Das altgeträumte Babel, Die Das neu-gegründete Sion — Und derselbe Wortfluss atmet die Entfernung: — Die Tränen von Camões und die Luft der Sertões — (das erdgeschriebene Wasser!) — Der Abgrund und die schwin-delnde Rettung und Gefahr — Das erste Wort des Himmels — Das ungeborene Antlitz — Wasser für deinen tiefensemantischen? -Garten — wo die Uardi Rosa strahlt — Ein Himmel und zwei Länder — Ein Himmel aus dem neue Gestirne blühen.*

Em tradução quase literal, sem aliterações e demais recursos que inventei no original diria mais ou menos o seguinte:

> O rio-palavra e as águas claras do pensamento / Duas línguas e suas asas: / A antiga entressonhada Babel e a nova entretecida Sião / E o mesmo rio-palavra respira essas distâncias: as lágrimas de Camões e a brisa dos Sertões (água escrita de terra!) / O abismo e a vertigem do riso e do socorro... / O verbo celeste / E o rosto inascido... / Água para o teu fundo semântico jardim, / onde brilha a Rosa Uardi... / Um Céu e duas pátrias / Um Céu em que florescem estrelas novas.

Uma carta para o futuro e sem um destinatário preciso[8]. »



München, 20. September 2002.

Lieber Freund und Meister,

gestern, am 19. September traf Ihr Brief ohne Datum ein: Ihre handgeschriebene Karte und Ihr Manuskript von insgesamt 15 maschinengeschriebenen Seiten. Haben Sie tausend Dank. Ich habe Ihren poetischen Essay mehrfach gelesen, um ihn in seiner vielfältigen Fülle ganz zu verstehen, was mir allmählich gelingt. GANZ verstanden habe ich Ihr Gedicht EIN MENSCH, von der ersten bis zur letzten Zeile. Ich bin nach wie vor bewegt und restlos: über Inhalt, Sinn und dichterisches Schweben.

Nun eine technische Einzelheit. Der Poststempel sagt: NITEROI - 11.8.02. Das heisst: Der Brief - ob Schiffspost, ob Luftpost? - war somit 39 Tage unterwegs. Oder hat das Postamt in Niterói sich geirrt und seinen Stempel nicht auf den richtigen Tag umgestellt: den 11. 9. (September) Denn Sie schreiben auf Ihrer handgeschriebenen Karte: "Ich danke Ihnen sehr und nochmals für die schönen Übersetzungen die Sie gemacht haben und für den schönen Text." Meinen Sie den von Ihnen erwünschten Aufsatz von 15 Seiten, ich glaube: für Ihren meisterhaften Gedichtband, den ich Ihnen mit meinem Brief vom 20. August zugesandt habe? Sollten Sie ihn noch nicht erhalten haben, so bitte ich um Ihren telefonischen Bescheid, damit ich sofort eine Kopie absenden kann. Denn sonst wüsste ich nicht, was "für den schönen Text" Sie meinen.

Alles Gute für Ihr Wohlsein und dichterisches Schaffen. Ich bin ungeduldig neugierig auf den CDA-Band von POESIA SEMPRE.

Für heute mein herzliches bi-nationales ABRAÇO,

Ihr Freund und Bewunderer

Curt Meyer-Clason

Carta de Curt Meyer-Clason (1910-2012) sobre o poema que lhe foi dedicado por Marco Lucchesi, escrito originalmente em alemão, em agradecimento à tradução de alguns poemas do livro *Alma Venus*.

Você costuma seguir algum método/modelo para traduzir?

Considero a tradução uma poética da vicissitude e lanço uma dimensão de perplexidade em forma de aforismas ou de axiomas:

> Entre duas línguas, segue o tradutor: animal bifronte, exilado de uma terceira, marcado pelo não-lugar, em círculo de incerta adequação, de que se torna prisioneiro.
>
> Percorre uma fronteira ambígua e delicada. Não usa passaporte, apenas um salvo-conduto, expedido *ad hoc*, para formar o repertório de analogias intangíveis.
>
> Aprender uma língua para depois desaprendê-la. Erguer uma casa, desde as fundações, para bem mais tarde desabitá-

la. Do texto de partida ao de chegada: transumância verbal. Não passa a tradução de um nomadismo obstinado.



É também ato ilegal, de puro contrabando. A tradução responde a uma indeclinável formação corsária. Movem-se as palavras, insubmissas, fruto de contínua pilhagem (semântica).



O tradutor não atravessa a densidade dos fenômenos. A equivalência entre as palavras é uma quimera, conquanto se enamore do ouro cintilante da etimologia, delírio no seio da interlíngua, que acossa a erótica entre os textos. Ressente-se o tradutor da nostalgia do objeto perdido, capaz de lidar apenas com seus fantasmas nominais.



Assim, tudo não passa de glorioso naufrágio. O capitão é o último a deixar o navio, ocupado em salvar uma realidade implicada. E, como velho marinheiro, desce ao abismo sem temor, dotado apenas do múnus de seu ofício: quase fênix: ressurge da cicatriz da interlíngua.

❧

A ferida narcísica do tradutor. Palavras são espelhos que o refletem, em mil pedaços, como um Midas centrípeto.

❧

O tradutor não é proprietário nem inquilino da língua. É antes um leitor à procura de uma voz.

❧

Contra a equivalência entre as línguas, emerge o conceito de valor, proposto por Saussure, na sua condição relativa,

tatuada na linguagem. Eis a regra de ouro para fazer frente a tentáculos metafísicos.

❧

A tradução: não uma simples mônada, antes uma projeção *in fieri*, que não cessa de indagar seus limites, possíveis soluções que repercutem *in absentia*, em campo minado, quase infinito. A tradução é um gabinete de crise.

❧

"— A espessura do ser e a enteléquia da tradução?" — o tempo conceitual, longamente concebido, e aplicado na língua dois, empresta equilíbrio a uma política dos extremos.

❧

O tradutor não legisla em causa própria. Responde a dois quesitos gerais: a ética do deslocamento e a potência verossímil na ligação entre conjuntos, que não serão jamais biunívocos.

A tradução que não respeita o silêncio do original incorre no crime de expansão pantagruélica e devora as células rítmicas e os valores negativos da pauta. Tudo por simples temor do vácuo.

Um tratado de cabala pode ajudar o tradutor mais que dezenas de manuais de teoria.

O cabalista propõe uma intimidade textual sem precedentes, viagem à superfície do verbo, quando as palavras se fragmentam e geram novas dimensões morfossintáticas, atento ao espaço que floresce entre as palavras.

Palavras anfíbias, multifaces, nas combinações produzidas

pela rotação dos signos e por uma série de valores derivados, como as notas alfanuméricas de Bach.



A tradução da mística hebraica deve manter a sua plurissignificação original, como no *Cântico dos cânticos* e no *approach* poliédrico ao *Ulysses*.



O alquimista e o tradutor formam um todo. A oficina deve ser bem-disposta, pois a química das combinações exige um grande lapso de tempo. O ouro filosofal desponta como vestígio nas mãos que tocam o texto e dele extraem suas intrínsecas virtudes: as quais não se limitam ao mero "estado de dicionário" e produzem uma poética da contaminação.



Como um ornitorrinco solitário, entre dois mundos paralelos, o tradutor se alimenta da coincidência dos opostos.



Primeiro a orientação textual. Logo em seguida, a miragem de suas coordenadas.



Com o fim da equivalência, o apriorismo torna-se um crime inafiançável: a tradução é uma práxis, não uma protologia preexistente ao texto.



Não separar jamais o que não se pode separar: conteúdo e forma, verbo e silêncio, valor e sentido. A tradução corresponde a um estado sinfônico.



Mais próximo da pragmática, o tradutor, quase estrangeiro da gramática.

Ressalte-se o valor da cópula na alquimia para se descobrir que a tradução é tão natural quanto um hermafrodita.

A densidade do texto original pode resultar da potência de seu algoritmo, tal como no romance de Calvino ou nos versos de Gerard Manley Hopkins. Não se deve perder o algoritmo no texto-fim (o determinante no determinado).

O tradutor, deslocado por princípio e insatisfeito, cria sem saber uma língua nova, um órgão maleável, quase especular, entre o mundo-menos de Fichte e o mundo-mais de Riobaldo. Expansiva, portanto, e concentrada.

❧

Uma tradução desprovida de perdas lembra o crânio de Helena apontado por Hermes: despojado da antiga beleza que o revestiu, sem memória e sem futuro.

❧

A tradução como perene releitura de um mundo, entre Gênese e Apocalipse.

❧

A tradução é uma impossibilidade e se aparenta ao hircocervo, célebre monstro da escolástica. É, em si mesma, a mais férrea projeção utópica.

❧

Uma poética da vicissitude, gerada por uma pulsão bilateral.



Militância

Você é um intelectual claramente militante em defesa de uma sociedade mais justa. Em suas palestras e nos seus textos, inclusive nos poemas, você tem se referido a questões importantes e urgentes do cenário mundial e nacional, como os trágicos acontecimentos na Síria e as fragilidades e incongruências da justiça e do sistema penitenciário brasileiro. A sua convicção a favor do diálogo entre as culturas, mesmo entre aquelas mais (aparentemente) distantes, e a defesa incansável de um projeto de paz e de igualdade de oportunidades não parece ser apenas mais um aspecto da sua obra, mas o motor que a impulsiona e a conduz. Você poderia falar mais sobre essa relação considerando principalmente o papel da Universidade?

Permanece viva dentro de mim a última tese sobre Feuerbach de Marx, lida aos dezoito anos, de que é preciso mudar o mundo: *Die Philosophen haben die Welt nur verschieden interpretiert; es kömmt drauf an, sie zu verändern.* E o trabalho começa em sala, na elaboração de uma leitura que interprete sem espelhos mecânicos, sem reduções sociológicas ou sequestros ideológicos diante do texto literário. Estamos do lado de Umberto Eco, lidando com a intenção da obra, do autor e do leitor dentro de um triângulo equilátero, para usar uma expressão do teórico italiano, que resume certo equilíbrio (possível? desejável?) das linhas de força da análise literária.

Fora de sala, não tenho descuidado da ação política, através de artigos na imprensa, visitas às prisões e às Unidades de Polícia Pacificadoras, ou de ações judiciais, como a última que movemos, com Antonio Candido, Alfredo Bosi, Paulo Pinheiro, Marilena Chauí e minha mulher, Constança Hertz, junto à Procuradoria Geral da República, para a remoção do Presidente da Câmara dos

Deputados. Ampliar estas linhas parece-me temerário. Sirvam apenas para confirmar as lições remanescentes de minha antiga Faculdade de História.

Defendo o papel da Universidade como agente essencial das mudanças estruturais de nosso país. A democracia passa necessariamente pela forma através da qual construímos a estrutura e o lugar da Universidade. Eis o motivo pelo qual não recuei diante da obrigação de criticar entroncamentos perigosos, as fatias insensatas de setores e departamentos, como se encontram em algumas partes, que se negam à prerrogativa transdisciplinar, que impedem estatutos de emancipação, com chefias locais, sem a visão do todo, como viscondes partidos ao meio e barões inexistentes, filhos do patrimonialismo que tantas vezes nos cercam à revelia.

O jogo de forças bem claro, o aprofundamento da espessura científica e das potências democráticas, esse desenho plural e participativo, será capaz de construir um futuro ativo para a Universidade,

aquela que buscamos, não a que esperamos, de braços cruzados, na trincheira de nossas matrículas, nas modalidades inseparáveis de ensino, pesquisa e extensão.

Ainda não perdi a esperança, com moderado ceticismo, no magistério enquanto feroz adversário da entropia — antiweberiana — engendrada pelas teias burocráticas, da burocracia como um fim em si mesma. Guardo a sete chaves o Princípio-Esperança, *Das Prinzip Hoffnung* de Ernst Bloch. Confio nas gerações atuais de professores e alunos, não drogados pelo futuro, mas saudosos do devir, atentos para trazê-lo aos nossos dias, olhando para o passado, sempre, e lutando contra a amnésia da Universidade, de sua própria história, de sua missão, e dos que seguem a construí-la, em desejáveis centros de memória. Porque somos artífices da república, a partir de uma Universidade aberta ao país e a toda uma gama filosófica de aventuras. São estes meus fragmentos, como disse Eliot, nos quais procuro apoiar essas poucas ruínas de uma modernidade tardia. E não poderia recolher as ruínas de uma

modernidade tardia senão dentro de uma república mais ambígua e generosa, em que cada fragmento guardasse, latente, a entressonhada ideia de um todo a que porventura e momentaneamente pudesse pertencer, segundo uma leitura de Wittgenstein. E não pode ser outra essa república senão a literatura comparada.

Como essa característica da sua obra se relaciona com a sua atuação como professor, intelectual, editor e membro da Academia Brasileira de Letras?

Nada é simples. Procuro evitar conflitos de interesse. Não permito que as instituições roubem de mim a transversalidade poética, a cornucópia que liga o texto e o mundo.

Em um dos seus textos você define a biblioteca como um "longo poema de amizade entre os homens". As atividades que você realizou na Biblioteca Nacional, a doação de parte do seu acervo pessoal para a Biblioteca da Universidade Federal Fluminense (e outras?),

o trabalho de criação/ampliação de bibliotecas nos presídios: poderia falar sobre esses projetos, suas intenções e impactos para você e para os envolvidos?

Uma parte de meus papéis se encontra hoje depositada na Biblioteca Nacional e na Academia Brasileira de Letras. No acervo da UFF, são mais de três mil títulos, entre livros, folhetos, partituras, programas de ópera e teatro. Não faltam as primeiras gramáticas de algumas línguas, como o russo, o árabe, o sueco e os hieróglifos. E uma parte oriental da biblioteca: dicionários de hindi, amárico, persa e turco. Não faltam dedicatórias: Eco, Garaudy, Luzi, Mincu, Adonis. Ou Drummond, Gilberto Freyre, Paulo Rónai, Wilson Martins, Antonio Carlos Villaça, Ledo Ivo, José Cândido de Carvalho, dentre outros. Eis, em linhas muito amplas, a série de livros e papéis nos quais encontro a mim mesmo e aos quais sou afeiçoado.

Quanto à prisão, ajudo a formar bibliotecas, excluindo, naturalmente, os meus livros. Comecei a visitá-las no começo deste século.

Hoje, mais que nunca, é preciso ampliar a escola nas prisões. E um sinal importante é a ideia da remição da pena através da leitura. Há muita coisa a ser feita atrás das grades. O projeto de emancipação encontra naquelas paredes um largo sinal para a mudança. Nada é fácil. Mas é preciso.

Qual a importância de viajar para você, este "ir de si para o Outro", seja ele um romeiro empoeirado e desconhecido ou uma figura política/intelectual de renome? Você considera as viagens uma forma de militância? Como você escolhe os seus destinos de chegada e de partida? Poderia falar sobre algumas dessas viagens?

O campo da alteridade. A beleza do Rosto. A luz dos olhos. O seio da hospitalidade. Tudo isso me levou à Índia e ao Japão, como professor e peregrino. Sobretudo à Índia, Delhi e Varanasi. Pretendo voltar, estudando hindi com intensidade.

Fui capturado desde cedo por certos amores levantinos. As reite-



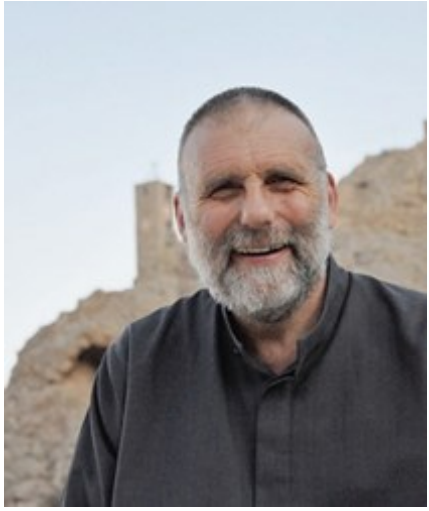
Com Nagib Mahfuz (1911-1988), Nobel da Literatura em 1988.
Cairo, Egito, 1997.

radas viagens ao Líbano e à Síria marcaram-me profundamente, assim como o encontro, no Cairo, com o escritor Nagib Mahfuz. Comecei a estudar árabe, em modalidades diversas, irregulares, e por algum tempo na Universidade Saint-Joseph, em Beirute, nas férias. Viam-se por todas as partes os escombros da guerra civil, bombas bissextas, sob o céu às vezes cortado pelos caças de Israel — posicionado e feroz, o Hizbollah. E assim me pareceu naquela quadra a cidade de Beirute:

> Tenho saudades do Líbano. Muitas portas do Oriente se abriram: nas ruas de Beirute, no palácio de Beited-din, na Universidade Saint-Joseph, no convento de Terra Santa, e no doce vale do Beká. Muitas portas se abriram. Li quase todo Massignon. Pratiquei turco, árabe e persa. Pratiquei, como um louco, minha própria vida. Mas a princípio, tudo me pareceu estranho e irrespirável: Beirute revelou-se de modo aterrador. Nas cercanias do aeroporto, a favela do Hizbollah com seus tanques e ruínas. No Centro, os prédios de melhor

> estado, os de art nouveau oriental apareciam crivados de tiros, rostos variolosos [...] Beirute foi varrida por uma guerra impiedosa, em que não foram poupadas igrejas e mesquitas, cujas torres parecem mártires empalados no horizonte. Como se a guerra tivesse acabado de acontecer e — no entanto — estava prestes a explodir, pois muitos sonhavam com mais uma semana, para um acerto de contas[9].

Meu inconsolável amor geográfico deu-se pela Síria, por Damasco em primeiro lugar, nos anos de Hafez al-Assad, tirano e genocida, pai de outro ainda pior. Conheci no deserto de Mar Mussa a inesquecível figura de Paolo Dall'Oglio, que me levou a Louis Massignon[10], à riqueza da poética do diálogo, em cujo terreno temperava meu árabe, tirando leite das cabras, passeando pelo abismo onde se assenta o antigo fortim romano de Mar Mussa, que abriga a nova comunidade do jesuíta Paolo Dall'Oglio, antigo membro do Partido Comunista Italiano, autor de um livro fundamental, intitulado *Speranza nell'Islam*[11].



Paolo Dall'Oglio no mosteiro de Deir Mar Musa al-Habashi, norte de Damasco (Síria).

Anotei parte desse encontro:

> Estamos entre dois desertos. O deserto cristão, de pedras, escolhido pelos monges da Síria, ávidos do inacessível, e o livre deserto de areia dos beduínos e do islã, com seus redemoinhos. [...] Paolo Dall'Oglio, jesuíta e padre do deserto, descobriu o convento, e nele empreendeu uma notável restauração: seu projeto voltado para Massignon, Gandhi e Charles de Foucauld [...][12].

Nossa amizade foi interrompida em 2013 após o sequestro de Paolo pelo autodenominado Estado Islâmico. Tentamos lutar, com a ajuda do Itamaraty e organismos internacionais, para evitar a abominável e mais complexa guerra civil, onde perdi outros amigos. Tenho esperança de reabraçá-lo. Às vezes caio em grande pessimismo. Estarei numa das comissões internacionais, talvez no ano que vem (2018), para visitar a Síria em missão de paz.

Nos anos 2000 dei continuidade a meus estudos sobre o islamismo, e retomei um viés político e cultural, dentro desse horizonte de diálogo, sobretudo após o 11 de setembro. Já traduzira os poemas de Rûmî, a que se seguiu novo livro de ensaios e poemas, que se comunicavam entre si, a partir do Islã. Nesta fase, ampliei o conhecimento do persa e do turco e de suas respectivas literaturas.

Você vê a literatura como forma de resistência?

Total e absoluta. O direito de sonhar de Bachelard, mas não só. E o dever de mudar o mundo. Ação e contemplação.

O que você tem na sua gaveta literária? Quais são seus projetos em andamento? O que você gostaria de escrever, ler e traduzir?

Algumas coisas. Tentarei organizar a discussão. Acaba de sair o *Catálogo da Biblioteca de Umbelino Frisão*. Usei o pseudônimo de Luca Marchesi. Um trabalho ficcional que retoma as falsas biblio-

grafias e os pseudobiblia. É um *divertissement*, mas não só. Saiu pela editora Balur, que significa "dragão" na língua que inventei, o Laputar, cuja gramática saiu pela mesma editora, igualmente inventada.



Aniello Angelo Avella (1946-2017) na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 2011.

Está saindo uma velha tradução, inédita, de Angelus Silesius, pela Martelo.

Trabalho atualmente em algumas frentes. A drástica revisão de *Poemas reunidos*, modificando quase todo o percurso, num *remake* de novo oxigênio para mim. E, finalmente, um romance e um livro de memórias. *Inshallah*!

O professor Aniello Angelo Avella reuniu uma série de entrevistas que dei a diversos órgãos de imprensa num livro que deve sair esse ano, também pela editora Martelo.

Meu querido Nello acaba de falecer. Foi um dos maiores tradutores de poesia luso-brasileira para o italiano. Sinto-me profundamente emocionado com a sua perda. Quantos diálogos, aventuras geográficas e inquietações. Perdi um irmão.

O que o intelectual/militante ainda pretende fazer?

Trabalhos sociais no Brasil formam um imperativo categórico. Continuar visitando prisões e comunidades com o pretexto da literatura e o velho sonho de acabar com a desigualdade promovendo a justiça social. Não há outro caminho.

Referências bibliográficas

1. LUCCHESI, Marco. *Saudades do paraíso*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1996, p. 119.
2. LUCCHESI, Marco. *Ficções de um gabinete ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 26-27.
3. FARGES, Albert; BARBEDETTE, Désiré. *Philosophia scholastica*. Paris: Berche et Tralin, 1908.
4. Cf. LUCCHESI, *Saudades do paraíso*, op. cit., p. 82-83.

5. AUERBACH, Eric. *Philologie der Weltliteratur. Sechs Versuche über stil und Wirklichkeitswahrnehmung.* Tradução de M. L. Fischer, 2015, parte I, s/p. (edição eletrônica).
6. BARBU, Ion. *Versuri şi proză.* Tradução de M. L. Bucareste: Editura Minerva, 1984, p. 133.
7. LUCCHESI, Marco. *A memória de Ulisses.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 13.
8. LUCCHESI, *A memória de Ulisses*, op. cit., p. 207-10.
9. LUCCHESI, Marco. *Os olhos do deserto*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 35.
10. MASSIGNON, Louis. *Badalya au nom de l'autre.* Paris. Éditions du Cerf, 2011.
11. DALL'OGLIO, Paolo. *Speranza nell'Islam.* Gênova: Marietti, 1992.
12. LUCCHESI, *Os olhos do deserto*, op. cit., p. 56.

Aquarela de Rita Solieri retratando Marco Lucchesi, 2000.


POESIE
ALPHA
KUMI



Biografia resumida

Marco Americo Lucchesi nasceu em 9 de dezembro de 1963, no Rio de Janeiro. Filho de Elena Dati e Egidio Lucchesi, primeiro brasileiro de uma família italiana da Toscana. A partir dos oito anos de idade mora em Niterói, matriculado no colégio Salesianos de Santa Rosa. Estudou piano até os vinte anos com a professora Carmela Musmano, e canto com o professor Domenico Silvestro. Poeta, romancista, ensaísta, tradutor, editor e conferencista brasileiro, é professor titular de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Formou-se em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e recebeu os títulos de mestre e doutor em Ciência da Literatura, pela UFRJ, realizando um pós-doutorado em Filosofia da Renascença pela Universidade de Colônia, na Alemanha. É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq),

e do Colégio do Brasil. Foi professor visitante da Fiocruz, das universidades de Roma II, Tor Vergata, de Craiova, na Romênia, de Concepción, no Chile. ❧ Seus livros foram traduzidos para o árabe, romeno, italiano, inglês, francês, alemão, espanhol, persa, russo, turco, polonês, hindi, sueco, húngaro, urdu, bangla e latim. ❧ Proferiu palestras no Brasil e em diversas universidades no mundo: Sorbonne-Paris III, Orientale di Napoli, Universidade de Salamanca, La Sapienza (Roma), Universidade Jaguelônica de Cracóvia, Universidade de Colônia, Universidade Católica de Santiago do Chile, Universidade da Malásia, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Buenos Aires, Universidade de Los Andes (Mérida, Venezuela), TUFS (Tóquio), Universidade Islâmica de Delhi, além de um sem-número de seminários, feiras de livro e encontros literários, na Bolívia, Paraguai, Sérvia, México, Peru, Colômbia, Itália, Suécia, Líbano, Arábia Saudita, Índia e Oman. ❧ Em 3 de março de 2011, foi eleito o sétimo ocupante da cadeira nº 15 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão do Pe. Fernando Bastos de Ávila. ❧ Foi editor da revista *Poesia Sempre*, da *Tempo Brasileiro* e da *Mosaico Italiano*, e atualmente desempenha a função de diretor da *Revista Brasileira* da Academia Brasileira de Letras. É membro do conselho da Editora da

UFRJ (2016-2020), assim como de várias revistas científicas e literárias no Brasil, na América Latina e na Europa. Tem atuado como consultor e preparador de originais para as editoras Record, Nova Fronteira, Nova Aguilar, José Olympio, Civilização Brasileira e Bem-Te-Vi. Notabilizou-se também dentro do setor de Coordenação Geral de Pesquisa e Editoração da Biblioteca Nacional, responsável pela edição de catálogos e fac-símiles. É membro do Conselho Nacional de Política Cultural do Ministério da Cultura (2015-2017). Editor das coleções "Espelho do Mundo" e "Memórias do Futuro" da editora Rocco. ❧ Para além de sua atividade artística, sobretudo na poesia e na ficção, sua pesquisa se baseia num enfoque multidisciplinar, que abrange a filosofia, a literatura, a música, a filosofia da matemática, a teologia, a astronomia e as artes em geral. Colaborou sempre para importantes jornais, sendo atualmente colunista mensal em *O Globo*; foi dramaturgo em montagens teatrais cariocas; organizou seminários para o Centro Cultural Banco do Brasil e para a Funarte, além de ter sido curador de exposições da Biblioteca Nacional, como as que celebraram os cem anos da morte de dois escritores brasileiros: "Machado de Assis, cem anos de uma cartografia inacabada" (2008), e "Uma poética do espaço brasileiro", sobre Euclides da Cunha (2009). Em 2010, foi o

responsável pela grande exposição do bicentenário daquela casa: "Biblioteca Nacional 200 anos: uma defesa do infinito" e, em 2015, dos festejos dos 450 anos do Rio com a exposição: "Rio de Janeiro 450 anos, uma História do Futuro". Hoje, na Academia Brasileira de Letras, é responsável pelo programa Música de Câmara. ❧ Merece destaque o seu papel de tradutor, graças ao amplo conhecimento de mais de vinte idiomas, tendo criado inclusive uma língua artificial denominada "laputar". Traduziu obras de diversos autores, entre as quais, publicados em livro, dois romances de Umberto Eco, a *Ciência Nova*, de Vico, os poemas do romance *Doutor Jivago*, obras de Guillevic, Primo Levi, Rûmî, Hölderlin, Khlébnikov, Trakl, Juan de la Cruz, Francisco de Quevedo, Angelus Silesius. ❧ É membro de diversas instituições, tais como a Academia das Ciências de Lisboa, a Accademia Lucchese di Scienze, Lettere e Arti, a Sociedade Brasileira de Geografia, a Academia Fluminense de Letras. Doutor Honoris Causa pela Universidade Tibiscus de Timisoara. Dentre seus muitos prêmios e distinções, encontram-se:

Prêmio Ambasador al Poeziei oferecido pela cidade de Iasi, Romênia, 2017. ❧ Segundo Lugar do Prêmio Jabuti de poesia, 2014. ❧ Diploma do Con-

sulado da Romênia do RJ, 2012. ❧ Segundo Lugar do Prêmio Brasília de romance, 2012. ❧ Prêmio Machado de Assis de romance, UBE, 2011. ❧ Prêmio Pantera d'Oro da cidade de Lucca, 2011. ❧ Prêmio Orígenes Lessa 2010, da União Brasileira de Escritores, 2010. ❧ Prêmio Ars Latina de ensaio, Craiova, Romênia, 2009. ❧ Prêmio Alceu Amoroso Lima: Poesia e Liberdade, pelo conjunto da obra poética, 2008. ❧ Prêmio Mário Barata de ensaio, UBE, 2008. ❧ Prêmio UBE João Fagundes de Meneses de ensaio, 2007. ❧ Prêmio Alphonsus de Guimarães de poesia, da Fundação Biblioteca Nacional, 2006. ❧ Prêmio Marin Sorescu, na Romênia, 2006. ❧ Título de Cavaliere della Stella della Solidarietà della Repubblica Italiana, 2005. ❧ Prêmio UBE de Poesia Da Costa e Silva de poesia, 2004. ❧ Segundo lugar do Prêmio Jabuti de poesia, 2004. ❧ Prêmio da Câmera de Comércio de Lucca, 2002. ❧ Terceiro lugar do Prêmio Jabuti de tradução 2001. ❧ Premio San Paolo Cittàdi Torino de poesia, 2001. ❧ Premio Nazionale per la Traduzione, 2001, do Ministero dei Beni Culturali da Italia. ❧ Prêmio União Latina, 2000. ❧ Premio Speciale del Presidente della Repubblica Carlo Ciampi: Prometeo d'Argento, 2000. ❧ Prêmio Eduardo Frieiro, da Academia Mineira de Letras, 2000. ❧ Premio Speciale Marcello Binacchin, Società Marcello Binacchin, 2000. ❧ Premio Internazionale di Poesia Cilento, Associazione Cilento di Poesia, 1999. ❧ Prêmio Paulo Rónai de Tradução, Biblioteca Nacional, 1996. ❧ Mérito da União Brasileira de Escritores, 1995.

Comenda Espatário da Trebizonda, 1999. Medalha Geraldo Bezerra de Meneses da Prefeitura de Niterói, 1988. Medalha José Cândido de Carvalho, Prefeitura de Niterói. Medalha da Associazione Lucchesi nel Mondo, da Camera di Commercio di Lucca. Medalha Simões Lopes Neto, do Estado do Rio Grande do Sul, 2010. Medalha da Academia Maranhense de Letras, 2008. Medalha Tiradentes da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.



Bibliografia

Poesia

Hinos matemáticos. Prefácio de Ubiratan D'Ambrosio. Fractais de Rodrigo Siqueira (do Grupo Fractarte). Rio de Janeiro: Balur, 2015.

Clio. Prefácio de Alfredo Bosi. Ilustração de Ana Miranda. Orelha de Ettore Finazzi-Agrò. São Paulo: Globo, 2014. Segundo lugar do Prêmio Jabuti 2015.

Meridiano celeste & bestiário. Prefácio de Letícia Malard. Orelha de Moacir Amâncio. Rio de Janeiro: Record, 2006. Prêmio Alphonsus de Guimarães da Biblioteca Nacional 2006; finalista do Prêmio Jabuti 2007.

Sphera. Prefácio de Eduardo Portella. Orelha de Antonio Cicero. Rio de Janeiro: Record, 2003. Prêmio de Poesia Da Costa e Silva da UBE, 2004. Segundo lugar do Prêmio Jabuti 2004; pré-finalista do Prêmio Portugal Telecom 2004.

Poemas reunidos. Orelha de Constança Hertz. Rio de Janeiro: Record, 2001. Finalista do Prêmio Jabuti 2002.

Alma Venus. Prefácio de André Seffrin. Niterói: Cif, 2000.

Bizâncio. Prefácio de Foed Castro Chamma. Orelha de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Record, 1997. Comenda Espatário da Trebizonda; finalista do Prêmio Jabuti 1999.

Poemas italianos

Irminsul. Prefácio Raffaele Nardi. Lucca (Itália): Accademia Lucchese delle Scienze Lettere e Arti, 2014.

Hyades. San Marco in Lammis (Itália): Levante, 2004.

Lucca dentro. Prefácio de Dante Maffia. Lucca (Itália): Maria Pacini Fazzi, 2002.

Poesie. Ilustrações de Rita Solieri. Roma: Grilli, 1999. Prêmio Cilento 1999; Prêmio Marcello Binacchin 2000.

Romance

O bibliotecário do imperador. Orelha de Alberto Mussa. São Paulo: Globo, 2013. Prêmio Machado de Assis da UBE 2013; finalista do Prêmio São Paulo 2014.

O dom do crime. Orelha de Nélida Piñon. Rio de Janeiro: Record, 2010. Prêmio Machado de Assis da UBE 2011; segundo lugar do Prêmio Brasília 2012; finalista do Prêmio São Paulo 2011.

Ensaio

Carteiro imaterial. Orelha de Carlos Pereyro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

Nove cartas sobre a Divina Comédia. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Casa da Palavra, 2013.

O livro de Deus na obra de Dante. Uma releitura na Baixa Modernidade. *Cadernos de Teologia Pública*. São Leopoldo (RS): Unisinos, ano VIII, n. 65, 2011.

Ficções de um gabinete ocidental. Prefácio de Mary del Priore. Orelha de Aniello Angelo Avella. Rio de Janeiro: Record, 2009. Prêmio Ars Latina de Ensaio (Romênia) 2010; Prêmio Orígenes Lessa da UBE, 2010.

A memória de Ulisses. Prefácio de Ettore Finazzi-Agrò. Orelha de José Castello. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Prêmio João Fagundes de Meneses da UBE 2007.

Teatro alquímico. Orelha de Andrea Lombardi. Rio de Janeiro: Artium, 1999. Prêmio Eduardo Frieiro da Academia Mineira de Letras 2000.

O sorriso do caos. Orelha de Luciana Villas-Boas. Rio de Janeiro: Record, 1997.

A paixão do infinito. Prefácio de Antonio Carlos Villaça. Orelha de Nise da Silveira. Niterói: Cromos, 1994.

Breve introdução ao Inferno *de Dante*. Prefácio de José Inaldo Alonso. Orelha de Antonio Carlos Villaça. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1985.

Memória e Testemunho

Os olhos do deserto. Prefácio de Per Johns. Orelha de Michel Maffesoli. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Saudades do Paraíso. Prefácio de Ivo Barroso. Orelha de José Castello. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997.

- *Textos lúdicos*

Rudimentos da língua laputar (proposta patafísica). Rio de Janeiro: Balur, 2015. (língua artificial)

Catálogo da Biblioteca do Marquês Umbelino Frisão. Rio de Janeiro: Balur, 2016. (pseudobiblia)

- *Obras organizadas*

Melhores crônicas de Euclides da Cunha. São Paulo: Global, 2011.

Roteiro da poesia brasileira: anos 2000. São Paulo: Global, 2009.

Melhores poemas de Walmir Ayala. São Paulo: Global, 2008.

Machadiana da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

O canto da unidade: em torno da poética de Rûmî. Tradução de Marco Lucchesi e Rafi Moussavi. Rio de Janeiro: Fissus, 2007. Prêmio Mário Barata de Ensaio da UBE; finalista do Prêmio Jabuti de Tradução 2008.

Caminhos do Islã. Rio de Janeiro: Record, 2002. Indicação ao Prêmio Portugal Telecom 2003.

Giacomo Leopardi poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Artaud: a nostalgia do mais. Rio de Janeiro: Numen, 1989.

- *Catálogos organizados*

Rio de Janeiro, 450 anos: Uma história do futuro. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

Biblioteca Nacional 200 anos, uma defesa do infinito. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

Euclides da Cunha, uma poética do espaço brasileiro. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

Machado de Assis, cem anos de uma cartografia inacabada. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

- *Espistolário*

A longa noite síria: uma voz no deserto. Orelha de Faustino Teixeira. Rio de Janeiro: Balur, 2016.

Viagem a Florença. Cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi. Orelha de Ana Miranda. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Edições fac-similares organizadas

Ostensor Brasileiro. [1845 e 1846] Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 2011.

Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar, de Manuel de Andrade Figueiredo. [1722] Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2010.

Divina Proportione, de Luca Pacioli. [1494] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

Oração apodíctica aos cismáticos da pátria, de Diogo Gomes Carneiro. [1641] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

O Espelho: Revista Semanal de Literatura, Modas, Indústria e Artes. [1859] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Frutas do Brasil, de Frei Antonio do Rosário. [1702] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Medicina teológica, de Francisco Melo Franco. [1794] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

Arte da língua de Angola, de Pedro Dias. [1697] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006.

Participação em antologias poéticas

HYPERION. *Revistă de cultură*. Botoşani (Romênia): Fundaţia Culturală Hyperion, ano 35, n. 7-8-9, 2017.

FESTIVALUL INTERNATIONAL DE POEZIE BUCURESTI (FIPB). *Antologie editia a VIII-a*. Bucareste: Muzeul Literaturii Române, 2017.

MATEUS, Victor Oliveira (Org.). *Cintilações da sombra III*. Fafe (Portugal): Labirinto, 2015.

FERENC, Pál (Org.). *Nagy Vilagy*. Kesztölc (Hungria): Nemzeti Kulturális Alap, 2014.

CALINA, Nicoleta (Org.). *Stefan Petica. La 100 ani după*. Craiova (Romênia): Aius, 2014.

CAPUTO, Rino; LONGO, Nicola (Org.). *Raccolta di scritti per Andrea Gareffi*. Roma: Nuova Cultura, 2013.

BONAFFINI, Luigi & PERRICONE, Joseph (Org.). *Poets of the Italian diaspora*. Nova York: Fordham University Press, 2013.

COHN, Sérgio (Org.). *Poesia.br*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013.

FRESSIA, Alfredo (Org.). *La otra*. Coyacán (México), n. 15, 2012.

OLSSON, Magnus William; SCHUBACK, Marcia (Orgs.). *Lyrik Vännen*. Estocolmo: Wahlström & Widstrand, n. 1, 2012.

PORTOCARRERO, Celina (Org.). *Amar, verbo atemporal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

MARIANACCI, Dante; MINORE, Renato (Orgs.). *L'Italiano degli Altri*. Roma: Newton Compton, 2010.

MATEUS, Victor (Org.) *O prisma das muitas cores* - Antologia de Amor Portuguesa e Brasileira. Fafe (Portugal): Labirinto, 2010.

MAURIN, Aurélie; WOHLFAHRT, Thomas. (Orgs.) *Versschmuggel: Contrabando de versos*. São Paulo: Editora 34, 2010.

ALKAN, Tozan (Org.). *Ceviri Edebiyati*. Istambul: C.N., 2009.

MARTINS, Floriano; BELLIARD, Basilio (Orgs.). *Máscaras de Orfeo: poesía brasileña y dominicana*. São Domingos (República Dominicana): Ediciones de la Secretaria de Estado de Cultura, 2009.

MARTINS, Floriano; NERES, José Geraldo (Orgs.) *Antología de poesía brasileña*. Madri: Huerga y Fierro Editores, 2007.

FESTIVAL INTERNATIONAL DE POEZIE A LUMII LATINE. (Org.) *Ars amandi.* Bucareste: Institutul Cultural Român, 2006.

PROENÇA, Domício (Org.). *Concerto a Quatro Vozes.* Rio de Janeiro: Record, 2006.

SALVADO, Antonio; ALENCART, Alfredo Pérez (Orgs.). *Os rumos do Vento/ Los Rumbos del Vento.* Fundão (Portugal): Trilce, 2005.

PEREIRA, Geraldo (Org.). *Pescando peixes graúdos em águas brasileiras.* Goiânia: Diálogo Poético, 2004.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana (Org.). *Poesia Straniera: Portoghese e Brasiliana.* Roma: Biblioteca di Repubblica, 2004.

MARCHIS, Giorgio de (Org.). *Criação e crítica:* homenagem de 8 poetas e 8 ensaístas a Giulia Lanciani. Lisboa: Caminho, 2003.

BERKENBROCK, Volney; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). *Sede de Deus.* Petrópolis: Vozes, 2002.

MAFFIA, Dante. (Org.). *Poesia a Lucca.* Lucca (Itália): Maria Pacini Fazzi, 2002.

VIEIRA, Ana Thereza (Org.). *Rota e temporis.* Roma: Grilli, 2001.

Capítulos de livros

Creio na minha fome. In: TEIXEIRA, Faustino; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs). *Em que creio eu.* São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

A poesia e a matemática não são inimigas. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; ROGGERO, Rosemary; D'AMBROSIO, Ubiratan (Orgs.). *Signos artísticos em movimento.* São Paulo: BT Acadêmica, 2017.

Cleonice Berardinelli: 100 anos (pera leyxar Cleõoyçe alegre). In: SANTOS, Gilda; OLIVEIRA, Paulo Motta (Orgs.). *Genuína fazendeira – Os frutíferos cem anos de Cleonice Berardinelli.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

Interviu cu Marco Lucchesi. In: VALCAN, Ciprian (Org.). *Cioran un aventurier nemişcat.* Bucareste: Editora All, 2015.

Discours de Marco Lucchesi. In: DISCURSOS NA ACADEMIA FRANCESA. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

Ubaldo e Policarpo. In: LIMA, Dalva Tavares (Org.). *Viva o povo brasileiro e João Ubaldo.* Salvador: EDUFBA, 2015.

Lettere della prigione. In: PIERANGELI, Fabio (Org.). *Afferrare le redini di una vita nuova.* Roma: Universitalia, 2014.

A dromologia do Orlando Furioso. In: REIS VELLOSO, João Paulo (Org.). *A renascença, primavera do humanismo moderno: lições para o Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Altos Estudos, 2014.

Cultural pluralism and linguistic rights in Latin America. In: ACADEMIA DA LATINIDADE. (Org.) *Post-Regionalism in the Global Age*: Multiculturalism and Cultural Circulation in Asia and Latin America. Rio de Janeiro: Educam, 2014.

A matemática e o sonho dos meninos. VIOLA, Alan Flávio (Org.). *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Arabe classique ou dialectal? In: ACADEMIA DA LATINIDADE (Org.). *L'Europe et le legs de l'Occident*. Rio de Janeiro: Educam, 2013.

La poesia della matematica. In: *Analele Universitatii din Craiova*. Craiova (Romênia): Editura Universitaria Craiova, 2009.

O relógio de Florença. In: MELLO, Luis Carlos (Org.). *Nise da Silveira: encontros*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

Mario Peixoto and the sea. In: KORFMANN, Michael et alii. *Ten contemporary view son Mario Peixoto's limite*. Munique: MV, 2006.

Concertul acelei Weltliteratur nu se poate lipsi de vocea României. In: COANDE, Nicolau (Org.). *Celalat Capat*. Bucareste: Curtea Veche, 2006.

La memoria elittica di Günter Grass. In: BERTOZZI, Roberto (Orgs.). *Günter Grass dal Tamburi al Gambero*. Penne (Itália): Tracce, 2002.

Traduções

RÛMÎ, Jalāl al-Dīn. *A flauta e a lua. Poemas de Rûmî*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016. (nova edição reunida de *A sombra do amado: poemas de Rûmî* e *O canto da unidade: em torno da poética de Rûmî*). [Antologia]

POPESCU, George. *Caligrafia Silenciosa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015 (edição revista do livro publicado pela editora Shams, fora de comércio, em 2007). [*Caligrafia Tacuta*]

GUILLEVC, Eugènne. *Euclidianas*. Posfácio de Ubiratan D'Ambrosio. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2014. [*Euclidiennes*]

KHLÉBNIKOV, Velimir. *Eu e a Rússia* (edição revista e ampliada de *Poemas de Khlébnikov*, publicado em 1993). Prefácio de Valerii Bossenko. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2014. [Antologia]

PSEUDO-DIONÍSIO, Areopagita. *Teologia Mística*. (Edição revista e incluída no livro *Nove cartas sobre a Divina Comédia*). Orelha de Faustino Teixeira. Rio de Janeiro: Fissus, 2004. [*Corpus Areopagiticum*]

PASTERNAK, Boris. Versos de Iúri Jivago. In: *Doutor Jivago*. Tradução de Zóia Prestes. Rio de Janeiro: Record, 2002. [Доктор Живаго]

ECO, Umberto. *Baudolino*. Rio de Janeiro: Record, 2001. Finalista do Prêmio Jabuti. [*Baudolino*]

CRUZ, Juan de la. *Pequena antologia amorosa*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000 (edição revista da primeira seção de poemas do livro *Faces da utopia*). [Antologia]

RÛMÎ, Jalāl al-Dīn. *A sombra do Amado*: *Poemas de Rûmî* (Tradução Marco Lucchesi e Luciana Persice). Rio de Janeiro: Fissus, 2000. Orelha de Leonardo Fróes. Prêmio Jabuti 2001. [Antologia]

COTRONEO, Roberto. *Presto con fuoco*. Rio de Janeiro: Record, 1999. [*Presto con fuoco*]

VICO, Giambattista. *A Ciência Nova*. Rio de Janeiro: Record, 1999. Prêmio União Latina 2000; Premio Speciale del Presidente della Repubblica Carlo Ciampi: Prometeo d'Argento. [*Scienza nuova*]

LEVI, Primo. *A Trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. [*La tregua*]

ALFIERI, Vittorio. *Esboço do Juízo Final*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997. [*Esquisse du Jugement Universel*]

RILKE, Rainer Maria; TRAKL, Georg. *Poemas à Noite*. Orelha de José Mário Pereira. Rio de Janeiro: Top-books, 1996. Prêmio Paulo Rónai da Biblioteca Nacional. [Antologia]

SÛSKIND, Patrick. *Um Combate e outros Relatos*. Rio de Janeiro: Record, 1996. [*Drei Geschichten und Betrachtung*]

ECO, Umberto. *A ilha do dia anterior*. Rio de Janeiro: Record, 1995. Finalista do Prêmio Jabuti 1996. [*L'isola del giorno prima*]

Faces da utopia. Orelha de Angelo Longo. Niterói: Cromos, 1992. [Antologia de poetas traduzidos]

HÖLDERLIN, Friedrich. *Patmos e outros poemas de Hölderlin*. Prefácio de Dalma Nascimento. Niterói: Grupo Setembro, 1987. [Antologia]

Obra traduzida no exterior

5 poemas de Marco Lucchesi, leídos el 8 de octubre de 2014 en la Residencia de Estudiantes. Tradução de Antonio Maura. Madri: Ed. Poesia en la Residencia, 2014. [Antologia de poemas de *Meridiano Celeste*]

Surasul haosului. Tradução de George Popescu. Craiova (Romênia): Editora Aius, 2013. [Antologia de poemas italianos]

Oriente/Ocidente. Tradução de Ángeles Godínez Guevara. México: Universidade Autónoma de Mexico, 2012. [Antologia de ensaios]

Prieteniala Patru Mâini. Tradução de George Popescu. Ilustrações de Viorel Pîrligras. Craiova (Romênia): Autograf, MJM, 2005. [Antologia de poemas]

Hyades. Tradução de George Popescu. Ilustrações de Viorel Pîrligras. Craiova (Romênia): Autograf MJM, 2005. [*Hyades*].

Isfahan. Organização e tradução de Rafi Moussavi. Teerã: Ministério das Relações Exteriores do Irã, 2003. Edição Brasileira: *Isfahan*. Rio de Janeiro: Shams, 2006. [Antologia de poemas de *Sphera*]



Marco Lucchesi e George Popescu em quadrinhos de Viorel Pîrligras, 2003.

Gradinile Somnului. Tradução de George Popescu. Craiova (Romênia): Scrisul Românesc, 2003. [*Poesie*]

Erwartunglischt. Organização e tradução de Curt Meyer-Clason. Ilustração de Miguel Coelho. Orelha de Luis Montez. Curitiba/Berlim: Leonardo Verlag, 2003. [Antologia de poemas de *Alma Vênus*]

- *Paratextos (seleção)*

RUBRA, Dênis. *É muito cedo pra pensar*. Rio de Janeiro: Rubra, 2017. Orelha.

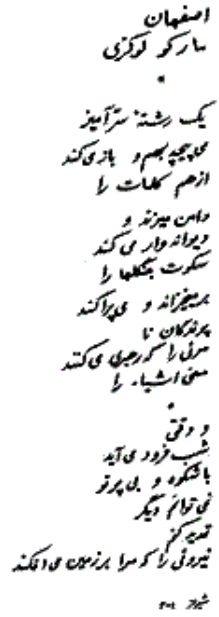
TEIXEIRO, Alva; PEREIRO, Carlos. *Comédias machadianas num ato*. Corunha (Galícia): Universidade da Coruña, 2017. Prefácio.

RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017. Prefácio.

CARVALHO, José Candido de. *Rei Baltasar*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2016. Prefácio.

MARTINS, Floriano. *Um novo continente: poesia e surrealismo na América*. Fortaleza: Arc edições, 2016. Orelha.

TEIXEIRA, Faustino. *Na fonte do amado: malhas da mística cristã*. São Paulo: Fonte editorial, 2016. Prefácio.


اصفهان
مارکو لوکزی

•

یک رشته سرآمیز
همه چیز را بهم و باز می کند
از هم کلمات را

دامن میزند و
دیوانه وار می کند
شکوت بندگها را

برمیخزاند و می پراکند
پرندگان نا
مرئی را که رهبری می کنند
معنی اشیاء را

•

و وقتی
شب فرود می آید
با شکوه و بی پرتو
نمی توانم دیگر
تصمیم کنم
نیروئی را که مرا برزمین می افکند

شیراز ۲۰۰۲

Tradução de um poema de *Sphera* (2003) para o persa, realizada em 2002 por Rafi Moussavi.

FOSCOLO, Ugo. *As últimas cartas de Jacopo Ortis*. Tradução de Andréia Guerini e Karine Simoni. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. Estudo.

MODIANO, Patrick. *Remissão da pena*. Tradução de Maria de Fátima Couto. Rio de Janeiro: Record, 2015. Orelha.

TEIXEIRA, Faustino. *Mística e literatura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. Prefácio.

ASSIS, Machado de. *Textos inéditos em livro*. Organização de Mauro Rosso. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. Prefácio.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *Os dedos de Norma*. Rio de Janeiro: Record, 2014. Orelha.

CIORAN, Emil. *O livro das ilusões*. Tradução de Jose Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. Orelha.

JUNQUEIRA, Ivan. *Essa música*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. Orelha.

LEMOS, Valéria Pinto; OLIVEIRA, Alexandra Almada de; CHEVALIER, Gabriela de; ROCHA, Quézia Júnia de Moraes (Orgs.). *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. Estudo.

MELLO, Luiz Carlos. *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatria rebelde*. Rio de Janeiro: Automática Edições - Hólos, 2014. Prefácio.

MIRANDA, Ana. *Semíramis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Orelha.

TEIXEIRA, Faustino. *Buscadores cristãos no diálogo com o Islã*. São Paulo: Paulus, 2014. Orelha.

NAZARENO. *Aqui do lado de dentro*. Rio de Janeiro: Luciana Caravello, 2014. Apresentação.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *A Herança de Apolo*. Rio de Janeiro: Record, 2013. Orelha.

GULLAR, Ferreira. *Poema sujo*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. Orelha.

HORTA, Luiz Paulo. *De Bento a Francisco: uma revolução na igreja*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Posfácio.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *Tramonto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. Orelha.

MINCU, Marin. *O diário de Drácula*. Tradução de Talita Tibola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Prefácio.

MIRANDA, Ana. *O peso da luz*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013. Orelha.

KHAYYAM, Omar. *Rubaiyát*. Tradução de J. B. de Mello e Souza. Rio de Janeiro: Topbooks, 2013. Apresentação.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Esaú e Jacó*. Texto estabelecido por Letícia MALARD. 2ª ed., rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Posfácio.

CASSAS, Luís Augusto. *A poesia sou eu: poesia reunida*. Rio de Janeiro: Imago, 2012. Prefácio.

GALESANU, Dumitru. *Fugãsprerosu = poeme*. Bucareste: Tracus Arte, 2012. Prefácio.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso e universo em Drummond*. São Paulo: É Realizações, 2012. Ensaio.

PADILHA, Tarcísio. *A ontologia axiológica de Louis Lavelle*. São Paulo: É Realizações, 2012. Orelha.

TEIXEIRA, Faustino. *Caminhos da mística*. São Paulo: Paulinas, 2012. Prefácio.

TEIXEIRA, Faustino. *Buscadores do diálogo. Itinerários Inter-religiosos*. São Paulo: Paulinas, 2012. Prefácio.

COSTA E SILVA, Alberto. *Ao lado de Vera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. Prefácio.

LIMA, Diógenes da Cunha. *Natal: uma nova biografia*. Natal: Infinita Imagem, 2011. Orelha.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Olho a olho: ensaios de longe*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. Orelha.

SEREBRIAN, Oleg. *Cânteculmarii*. Bucareste: Cartier, 2011. Quarta capa.

VILAÇA, Marcos Vinicius. *De novo presidente*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. Orelha.

PIÑON, Nélida. *O coração presumível da América*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ALIGHIERI, Dante. Organização de Márcia Cavendish WANDERLEY. *A Divina Comédia: Inferno*. Tradução de Jorge Wanderley. São Paulo: Abril, 2010. Estudo.

LITTELL, Robert. *De Mandelstam para Stálin*. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Record, 2010. Orelha.

ESPINHEIRA FILHO, Rui. *Sob o céu de Samarcanda: poemas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/Fundação Biblioteca Nacional, 2009. Orelha.

MIRANDA, Ana. *Yuxin: alma*. São Paulo: Companhia das Letras/SESC, 2009. Orelha.

PATRAQUIM, Luís Carlos. *Pneuma: poesia*. Lisboa: Caminho, 2009. Prefácio.

NORÕES, Everardo. *Retábulo de Jerônimo Bosch*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. Orelha.

CARDOZO, Joaquim. *Joaquim Cardozo: poesia completa e prosa*. Organização de Everardo Morões. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Recife: Massangana, 2007. Estudo.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *Encontro em Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Record, 2007. Orelha.

GUERINI, Andréia. *Gênero e tradução no* Zibaldone *de Leopardi*. São Paulo: EDUSP, 2007. Prefácio.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança: volume II*. Tradução de Werner Fuchs. Rio de Janeiro: EdUERJ/Contraponto, 2006. Orelha.

CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de; BRASILEIRO, Cristiane (Orgs.). *Retrato do artista enquanto sempre*. Niterói: Niterói Livros, 2006. Prefácio.

ECO, Umberto. *Entre a mentira e a ironia*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2006. Orelha.

NEJAR, Carlos. *Riopampa: moinho de tribulações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006. Prefácio.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *O nariz do morto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Orelha.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Livro dos homens: contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. Orelha.

CAMPAILLA, Sergio. *O paraíso terrestre*. Tradução de Eugenia Maria Galeffi. Rio de Janeiro: Versal, 2005. Prefácio.

ECO, Umberto. *A misteriosa chama da rainha Loana*: romance ilustrado. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005. Orelha.

MEIRELLES, Domingos. *1930: os órfãos da revolução*. Rio de Janeiro: Record, 2005. Apresentação.

MUSSA, Alberto. *O enigma de Qaf*. Rio de Janeiro: Record, 2004. Orelha.

I giorni e le idee: Leopoldo Paciscopi alla Palazzina Mangani. Florença: Il Ponte, 2003. (Catálogo de exposição) Prefácio.

MAHFUZ, Nagib. *Miramar*. Tradução de Safa Abou Chahla Jubran. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2003. Orelha.

PEDROSA, Israel. *O universo da cor*. Rio de Janeiro: SENAC, 2003. Prefácio.

PASTERNAK, Boris. *Doutor Jivago*. Tradução de Zóia Prestes. Rio de Janeiro: Record, 2002. Prefácio.

GRASS, Günter. *A ratazana*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 2002. Orelha.

MAHFUZ, Nagib. *O jogo do destino*: romance. Tradução de Ibrahim Georges Khalil. Rio de Janeiro: Record, 2002. Estudo.

PEIXOTO, Mário; MELLO, Saulo Pereira de (Org.). *Poemas de permeio com o mar*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. Apresentação.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética* (organizada pelo autor). 48ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Prefácio.

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente: por uma sociologia da vida cotidiana*. Tradução de Alípio de Souza Filho. Natal: Argos, 2001. Orelha.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. Orelha.

MONTALE, Eugenio. *Diário póstumo*. Tradução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, 2000. Prefácio.

BURROWES, Patrícia. *O universo segundo Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. Orelha.

HESSE, Hermann. *Felicidade*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 1999. Prefácio.

AZEVEDO, Álvares de. *Macário*. Rio de Janeiro: Artium, 1998. Prefácio.

ECO, Umberto. *Cinco escritos morais*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 1998. Orelha.

FURTADO DE MENDONÇA, Celso. *Os equivocados & outros poemas*. Niterói: Cromos, 1998. Orelha.

TASSO, Torquato; BUENO, Alexei; LYRA, Pedro. *Jerusalém libertada*. Tradução de José Ramos Coelho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. Estudo.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Tradução de Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. Prefácio.

LIMA, Jorge de; BUENO, Alexei (Org.). *Jorge de Lima: poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Estudo.

LIMA, Jorge de. *Calunga*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. Posfácio.

LONGO, Angelo. *No bosque do santuário*. Niterói: Cromos, 1997. Orelha.

FICINO, Marsilio. *O livro do amor*. Niterói: Centro de Investigação Filosófica/Clube de Literatura Cromos, 1996. Estudo.

GARAUDY, Roger. *Minha jornada solitária pelo século: memórias*. Trad. de Luciana Persice Nogueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. Posfácio.

LACERDA, Rodrigo. *A dinâmica das larvas: comédia trágico-farsesca*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. Orelha.

MAZARIN, Jules. *Breviário dos políticos*. Tradução de Ana Thereza Vieira. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997. Estudo.

BEVILACQUA, Alberto. *O eros*. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Record, 1995. Orelha.

FURTADO DE MENDONÇA, Celso. *Os que não vieram*. Niterói: Cromos, 1995. Prefácio.

SILVEIRA, Nise da; LUCCHESI, Marco. *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. Prefácio.

Roteiro

A Divina Comédia. Filme de Adriana Varella sobre espetáculo de Regina Miranda. Rio de Janeiro, 1992.

Poemas musicados

Estêvão Teixeira: *Mistérios do som: Uma leitura de Rûmî para flauta* (tradução de *Poemas de Rûmî*), 2016.

Fernando Lapa: *Como Perder-se em Tanta Claridade*? Peça para mezzoso-prano, saxofone alto, acordeão, percussão, guitarra, piano e quarteto de cordas (seleção de poemas de *Sphera*), 2015.

Pablo Sotuyo: Poema "Cantiga de amor" (do livro *Alma Vênus*), 2015.

Marcus Viana: Poema "Artista" (tradução de Rûmî para o português). CD "Poemas Místicos de Rûmî", música de Marcus Viana e voz de Leticia Sabatella). Belo Horizonte: Sonhos & Sons, 2008.

Pedro Cintra: Poema "Romança à Noite" (tradução para o português de Georg Trakl), 1993.



Iconografia

Desenho de Geros por ocasião da eleição de Marco Lucchesi para a Academia Brasileira de Letras, 2011.


dorgulo
ideia para passarinhos
que por mim passaram
e me fizeram mais sutil
Geros



Com Jose Francisco Navarro (1959-2017) e Gustavo Gutierrez em Lima, Peru, 2013.



Dedicatória de Gilberto Freyre. Excerto do catálogo da exposição *Autógrafos,* que contempla parte dos livros doados por Marco Lucchesi em 2015 ao Centro de Memória Fluminense.

11/79)



Com Umberto Eco (1932-2016). Bolonha, Itália, 2001.

Página ao lado: Carta de Umberto Eco (1932-2016) a Marco Lucchesi, 1995.

Caro Lucchesi

per quel poco che sono riuscito a vedere, la traduzione mi pare molto bella, davvero. D'altra parte ho visto come i giornali brasiliani abbiano dato giusto ed entusiastico rilievo al Suo lavoro. Quindi, grazie ancora.

Ho rapidamente controllato sul testo e ho visto che sono sopravvissuti alcuni errori che io stesso avevo trovato di recente e che evidentemente non Le sono stati comunicati. Siccome spero che ci sia una ristampa, glieli segnalo, pagina e riga dell'edizione brasiliana.

p.190, 7. Sul continente americano, quando a Parigi è mezzogiorno, evidentemente non sono le sei del pomeriggio, ma del mattino.
p.210, 7 dal basso. Siamo a ovest e non a est di Gerusalemme.
p.238, 10. Non "Mathematum" ma "Matheseos".
p.250, 10 dal basso. Non tra Tahiti e Touamoto, ma tra Samoa e Tahiti.
p.419, 6. Eliminare "de alguns anos ante".
p.466, 3. L'eunuco non è olandese. L'errore nasce dal fatto che in una prima stesura avevo situato l'episodio a Amsterdam invece che a Londra.
p.475, 13. Ovviamente Lilia naufraga sulla costa orientale e non su quella occidentale.

Come vede sono quasi tutti errori di orientamento dove, sbagliando a scrivere la prima volta, né l'autore né i revisori si accorgono più dell'errore perché il discorso fila lo stesso.

Le rinnovo ancora i miei ringraziamenti e spero un giorno di poterLa incontrare.

Umberto Eco



Com o professor Ferencz Pal, tradutor de alguns poemas de *Clio* para o húngaro. Budapeste, Hungria, 2013.



Com Berthold Zilly, tradutor de alguns poemas de *Meridiano Celeste* para o alemão. Rio de Janeiro, 2008.



Com Leonardo Boff, Mario Werneck e Faustino Teixeira. Rio de Janeiro, 2006.



Com Sergio Rouanet e Barbara Freitag. Rio de Janeiro, 2015.



Com o poeta sírio Adonis no café Les Deux Magots. Paris, França, 2008.



Com o poeta italiano Mario Luzi (1914-2005). Florença, Itália, 2001.



Conferencistas em Mascate, Omã, 2014.



Com Candido Mendes e Aspásia Camargo em Kuala Lumpur, Malásia, 2014.



Com o metropolita de Craiova, Romênia, 2003.



Chegada de Marco Lucchesi
ao inverno romeno.
Craiova, Romênia, 2010.



Na Universidade Islâmica de Nova Deli, Índia, 2016.



Da esquerda para a direita: a poeta Savita Singh, a professora Sonya Gupta, e os poetas Mangalesh Dabral e Anisur Rahman com Marco Lucchesi. Nova Deli, Índia, 2016.



في محاضرة كان التاريخ فيها حاضراً:

البرازيل والغرب.. والتأثير الإسلامي

الجزيرة - جواهر الدهيم

“O Brasil e a Cultura Islâmica”, artigo de Jawahar al-dahim sobre mesa-redonda com Paulo Farah e Marco Lucchesi na Feira do Livro de Riade, Arábia Saudita. Jornal *Al-Jazirah*, março de 2009.



22 КЊИГА

БРАЗИЛСКИ КЊИЖЕВНИК МАРКО ЛУКЕЗИ У НОВОМ САДУ

У кругу следбеника стиха

Повезија у школи самбе и у затвору

“Escritor Brasileiro em Novi Sad: No círculo dos que cultivam os versos”, artigo de Radmila Lotina, por ocasião da leitura dos poemas de Marco Lucchesi em Novi Sad, Sérvia, 2010.



Хлебниковская
№ 11 ВЕРАНДА
ФЕВРАЛЬ 1999 г.
НЕЗАВИСИМАЯ ЛИТЕРАТУРНАЯ ГАЗЕТА

Валерий Босенко

ВЕЛИМИР ХЛЕБНИКОВ –
В БРАЗИЛИИ И В АСТРАХАНИ

“Velimir Khlebnikov no Brasil e em Astrakhan”, artigo de Valerii Bossenko sobre a tradução do poeta russo realizada por Marco Lucchesi. Jornal *Nezavissimaia literaturnaia Gazeta*, Astrakhan, Rússia, fevereiro de 1999.

Cartaz anunciando a palestra de Marco Lucchesi por ocasião do centenário de fundação da cátedra de Estudos Brasileiros da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (TUFS), Japão, 2016.





Marco Lucchesi recebe das mãos do Presidente da República Italiana Carlo Ciampi o prêmio *Ministero dei Beni Culturali*. Roma, Itália, 2003.



Com Israel Pedrosa (1929-2016) na Academia Brasileira de Letras,
Rio de Janeiro, 2014.

Dados da Catalogação Anglo-American Cataloguing Rules – AACR2

P153

Palavra de escritor-tradutor: Marco Lucchesi. / Organizadores: Andréia Guerini, Karine Simoni, Walter Carlos Costa ; Entrevistadoras: Andréia Guerini e Karine Simoni. – Florianópolis: Escritório do Livro, 2017.
184 p.; il.

Contém bibliografia, biografia resumida e fotos de arquivo pessoal de Marco Lucchesi
ISBN: 978-85-94157-03-4 (livro eletrônico)

1. Memórias - Marco Lucchesi. 2. Biografias. 3. Memórias. 4. Entrevista. 5. Estudos Literários. 6. Estudos da Tradução. I. Guerini, Andréia. II. Simoni, Karine. III. Costa, Walter Carlos.

CDU 929
CDD 928

Marcelo Diniz – Bibliotecário – CRB2/1533

CONSELHO EDITORIAL

Álvaro Faleiros, Ana Gruszynski, Antonio Sanseverino,
Cristina Antunes, Gilka Girardello, Gisela Creni, Isabel Travancas,
José Afonso Furtado, Michel Riaudel, Patricia Odber de Baubeta, Sandra Reimão.

Esta obra foi composta em
tipologia Minion Pro no
Escritório do Livro,
Florianópolis,
primavera
de 2017.



Aprender uma língua para depois
desaprendê-la. Erguer uma casa, desde
as fundações, para bem mais tarde desabitá-la.
Do texto de partida ao de chegada: transumância
verbal. Não passa a tradução de um nomadismo obstinado.

Marco Lucchesi



ISBN 978-85-94157-03-4